

RELATÓRIO 12 A

12ª SESSÃO: *Assembleia de Euclides*, Francisco Tropa

6º Ano

(Grupo A)

CCMB, 12 Maio de 2011

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO	3
Análise de relevância temática da discussão	5
Leitura das obras	5
Agenda da Discussão	5
Discussão	8
Assembleia de Euclides	9
Descrição da obra	11
Simbolismo da obra	12
Sentinela Plana	15
Ponto de vista	18
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	21
1. Será que o espelho cria a Assembleia?	23
2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?	25
3. Que relação se estabelece entre a obra e as figuras?	27
4. Quem vê o quê?	29
5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?	33
Análise etnográfica do registo de vídeo	37
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	42
CONCLUSÕES FINAIS	46
REGISTO DE CONTROLO	51
Análise da obra e enquadramento no espaço	52
Avaliação da Sessão	53
Discussão	54
Observação participante	55
Avaliação da Construção de Teorias Enraizadas	56
Avaliação do Processo de Pesquisa	57

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 9 crianças-participantes (7 rapazes e 2 raparigas) com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos de idade e de 2 adultos (professor CONV1 e investigadora INV como facilitadores), que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 12 de Maio de 2011, com a duração aproximada de 48 minutos, no Centro Cultural Manuel de Brito (Algés). O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 6º ano de escolaridade do ano lectivo 2010/2011, e é constituída por um total de 10 crianças-participantes (8 rapazes e 2 raparigas).

Procedimentos

O R12A reporta-se à sessão que ocorreu a propósito da exposição colectiva intitulada *Livre Circulação*. Esta Sessão incluiu a visita à totalidade da exposição, porém, focou-se apenas nas instalações do artista plástico Francisco Tropa: *Assembleia de Euclides-Sentinela Plana* (2005) (Figura 1) e *Assembleia de Euclides – Polícias* (2006).



Figura 1 – Francisco Tropa, *Assembleia de Euclides* (2005)

O pressuposto que assiste à escolha da exposição ou da obra a discutir mantém-se o mesmo: observar a possibilidade comparativa da teoria suscitada pela experiência estética. Assim, foi admitido, com a maior flexibilidade possível, que as crianças-participantes incluíssem à obra seleccionada, *Assembleia de Euclides - Sentinela Plana*, a instalação contígua *Assembleia de Euclides – Polícias*, uma vez que se verificou de imediato tal fenómeno, aquando da constituição da **Agenda da Discussão**.

A prévia e livre observação das obras presentes na sala de exposições, a contiguidade das instalações, bem como, a semelhança dos materiais utilizados pelo artista plástico em ambas as obras, conduziu, naturalmente, a uma apreciação ininterrupta das obras. Apenas no decorrer da própria discussão, numa das intervenções do IND 6 após uma das suas incursões de retorno à obra, é que esta circunstância é denunciada. Esta obrigou-se a um ponto de viragem teórica a observar.

Considera-se, portanto, que a escolha da obra já referenciada e a inclusão de uma segunda obra, não desconsiderou o pressuposto de preservação do protocolo de Lipman assumido por esta investigação, pelo contrário, provou uma vez mais a flexibilidade dos facilitadores e a elevada atenção pela relevância aos conteúdos constituídos pela livre experimentação das obras.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA TEMÁTICA DA DISCUSSÃO

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Neste R12A manteve-se o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 1 minuto e 44 segundos.

A **Leitura das obras** iniciou-se sem necessidade de esclarecimento sobre os procedimentos uma vez que estes se consideram completamente assimilados. As crianças-participantes observaram e experimentaram fisicamente as possibilidades de leitura das obras, isoladas ou em grupo.

Posteriormente, as crianças-participantes e os facilitadores sentaram-se em meia-lua diante da obra. Neste momento foi verificado o equipamento de recolha vídeo e foi entregue às crianças-participantes o MP4 para registo de som das suas intervenções (e como passa-palavra).

Agenda da discussão (2ª Fase da Sessão)

A **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 8 minutos e 2 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa)

A constituição da **Agenda da discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes. Tal como já havia sido referido anteriormente nesta Sessão, a inclusão de uma outra obra contígua à obra seleccionada observou-se apenas nesta 2ª Fase.

As questões que constituem a **Agenda da Discussão** revelam-se em profunda congruência com a absorção da experimentação das obras, isto porque, os elementos constituintes das obras que aqui são referidos já não se apresentam envoltos na sua natureza descritiva, tal como foi observado em sessões anteriores, mas conforme uma associação que se pretende imediatamente simbólica.

Assim, as 10 questões que constituem a **Agenda da Discussão** desta Sessão revelam, logo no princípio, um outro patamar de experimentação e entendimento das obras que se estabeleceu da seguinte forma:

- | | |
|--|--------------------|
| 1. O que é que o espelho tem a ver com o resto? | IND 8 (Masculino) |
| 2. O que simbolizam as personagens ali do lado? | IND 10 (Masculino) |
| 3. Por que é que a casa é construída com materiais assim? | IND 6 (Masculino) |
| 4. Por que está aquele vidro com um homem à frente do espelho? | IND 11 (Feminino) |
| 5. Qual é que é a ligação desta casa com aquele homem reflectido no espelho? | IND 1 (Masculino) |
| 6. É suposto a casa se prolongar no espelho? | IND 1 (Masculino) |
| 7. Porque é que está um pano em cima da cabana? | IND 2 (Masculino) |
| 8. Porque é que naquelas figuras há uma cara que está zangada e outra que está contente? | IND 5 (Masculino) |
| 9. Naquelas duas caras, porque é que uma tem orelhas a e outra não? | IND 2 (Masculino) |
| 10. Por que é que parece que as caras têm outra cara dentro? | IND 10 (Masculino) |

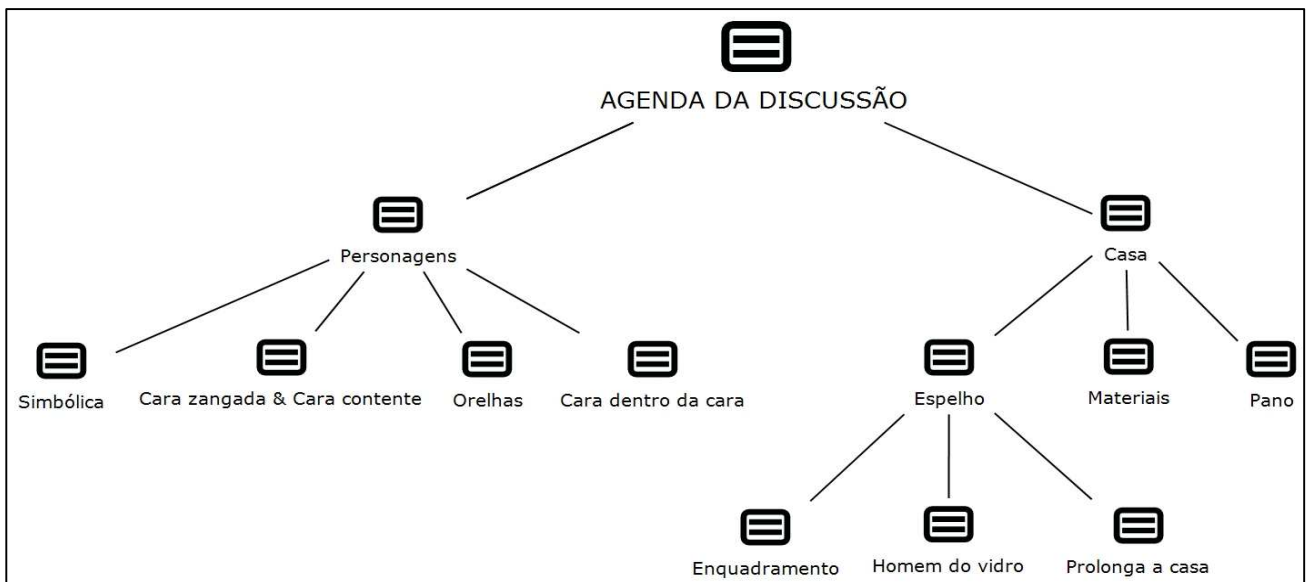


Figura 2 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** formou-se a partir de 10 questões que destacaram o carácter da interpretação que se patenteia aquando da relação directa do observador com a obra. Assim, através da nomeação dos elementos que compõe a própria obra e a denúncia imediata do seu valor simbólico, ou da sua relação simbólica por associação a outros elementos, expressa-se a natureza determinante para a necessária (e desejada) interpretação da obra.

Neste contexto, a estruturação da teoria revelada em análise da **Agenda da Discussão** (Figura 2) mostra que esta se subdividiu nas seguintes subcategorias: a subcategoria **Personagens** que se constituiu ainda pela sua interpretação **Simbólica** (2ª Questão), pela descrição das máscaras, ou seja, das suas expressões de **Cara zangada & Cara contente** (8ª Questão), pela diferente modelação das **Orelhas** (9ª Questão) e pela sugestão da presença de uma **Cara dentro da cara** (5ª Questão); e ainda, a subcategoria **Casa** que se descreve através dos elementos que constituem a obra como o **Espelho** e o modo como este se **Enquadra** (1ª Questão), na relação que estabelece em frente ao **Homem do vidro** (4ª Questão), ou enquanto simulacro de um

efeito visual que **Prolonga a casa** (6ª Questão); os **Materiais** com que a casa foi construída (3ª Questão) e ainda, a função concedida ao **Pano** que a cobre (7ª Questão).

Estes são os elementos que determinam a necessidade de correspondência inter-descritiva da obra com a sua função simbólica.

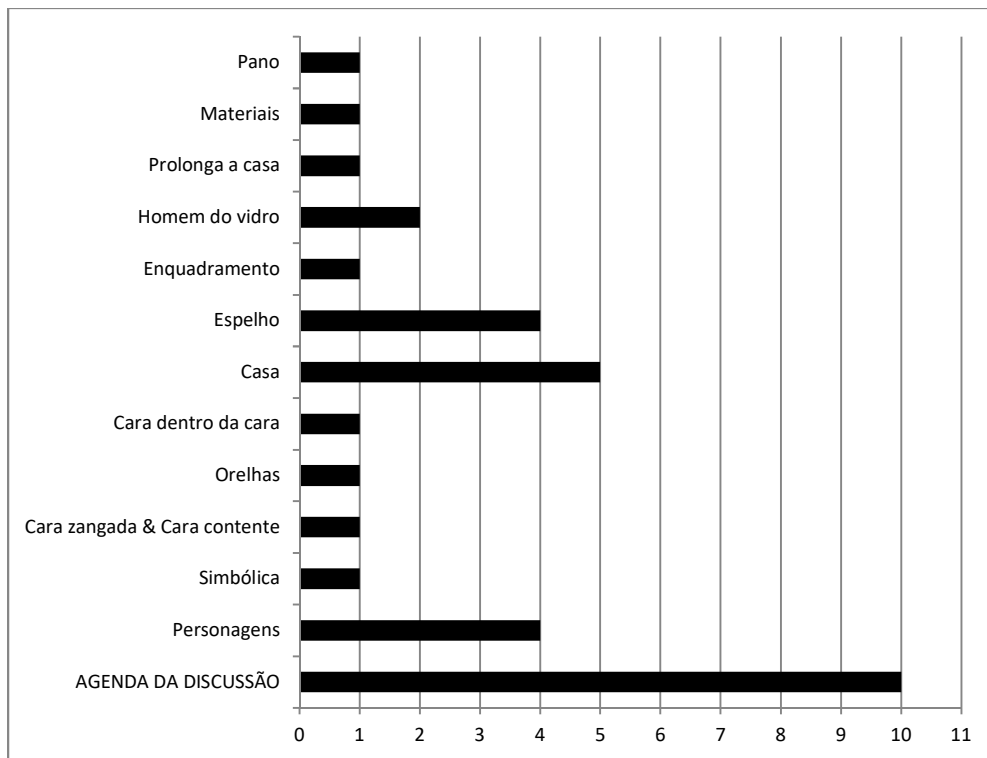


Tabela 1 Agenda da Discussão (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** desta Sessão (Tabela 1) evidência um primeiro momento de interpretação directa da relação do observador com a obra e desta com a sua estrutura simbólica.

A subcategoria **Personagens** evidência um primeiro momento de leitura sensível da obra, daí a referência aos elementos peculiares que se evidenciam bem como ao seu valor simbólico Ex: “O que são, o que simbolizam aquelas personagens ali do lado?” IND10 (Masculino); a subcategoria **Casa**, que se estabelece a partir dos elementos que constituem a obra, aponta uma maior pertinência para os interesses anunciados principalmente através da sua subcategoria **Espelho** Ex: “Qual é que é a ligação desta casa com aquele homem reflectido no espelho? IND1 (Masculino) ou ainda através da subcategoria **Homem do vidro** Ex: “Porque está aquele vidro com um homem à frente do espelho?” IND11 (Feminino).

Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da **Discussão** verificou uma duração aproximada de 40 minutos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa)

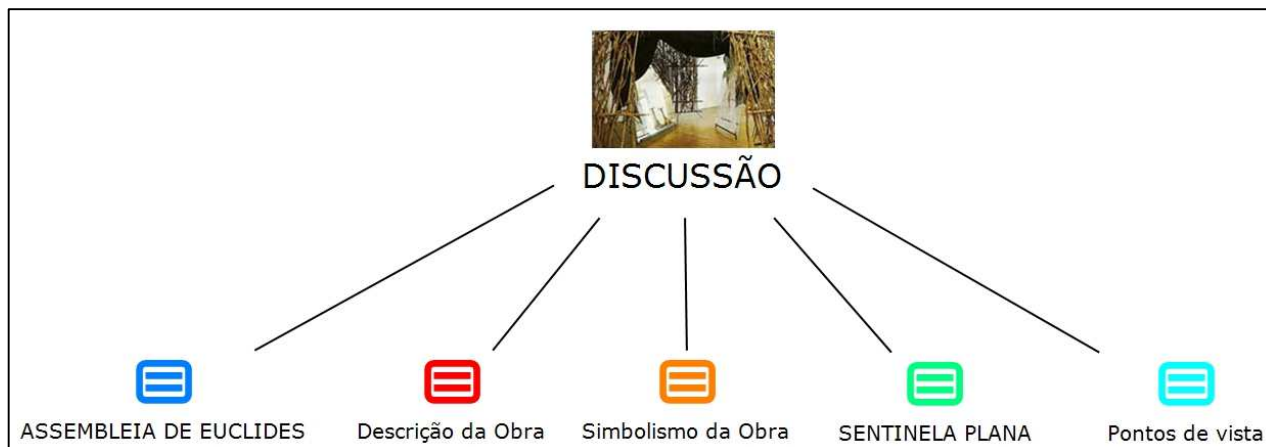


Figura 3 - DISCUSSÃO
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 3) caracteriza a 3ª Fase da Sessão.

Nesta Sessão, a categoria **Discussão**, que se apresenta de um modo simples e linear, constitui-se a partir da fusão das duas obras em referência *Assembleia de Euclides - Sentinela Plana* e *Assembleia de Euclides – Polícias* e se revela como base determinante para a análise conceptual que domina toda a discussão. Assim, neste contexto estabeleceu-se a subcategoria **Assembleia de Euclides** que surge da necessidade de observar na obra a linguagem plástica que lhe é própria - forma e significação; a subcategoria **Descrição da obra** constituiu-se da necessidade de observar na obra o significado do seu título através dos seus elementos mais pertinentes à observação; a subcategoria **Simbolismo da obra** sobrevém da necessidade de encontrar o sentido simbólico associado aos vários elementos nomeados Ex: " (...) Eu acho que elas [as máscaras] têm um sentido mesmo para a peça." IND 6 (Masculino); a subcategoria **Sentinela Plana** especula sobre o subtítulo da obra e como é que este se observa na função dos elementos que constituem a obra Ex: "Sentinela... Ah! Está a vigiar tudo!" IND 5 (Masculino); e ainda, a subcategoria **Pontos de vista** surge por incitamento do CONV1 "E qual será a importância daquilo de que falava o IND10, que de repente nós só temos acesso a isto de determinados pontos de vista? O IND 8 também falou nisto: "no ponto em que eu aqui estou consigo ver...". Se for ali, o IND 5 também falou nisto: "do lado do boneco nós não vemos as figuras do lado das figuras, do lado das figuras nós não vemos o boneco mas deste lado onde nos encontramos conseguimos ver as coisas de outra maneira". O que é que isto poderá querer dizer, no conjunto da peça?" para, posteriormente, próximo do final da **Discussão**, surgir como remate conclusivo focado na observação da alternância dos pontos de vista referenciados pelas crianças-participantes Ex: "Eu acho que o espelho é, imagino, que quando alguém se quer ver ao espelho não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver são aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós. É tipo, trocar de posto!" IND 1 (Masculino).

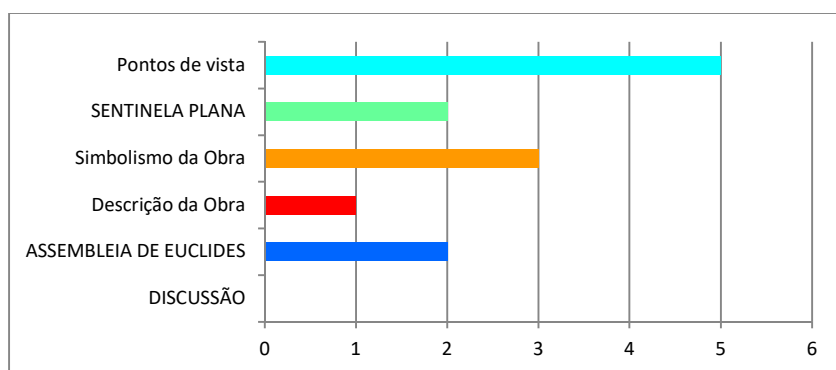


Tabela 2 - DISCUSSÃO
(ARTD)

No quadro de ARTD (Tabela 2), cumpre-se a categoria **Discussão** como constituída segundo a natureza do seu carácter estritamente processual (3ª fase da Sessão).

Assim, neste contexto a subcategoria **Assembleia de Euclides** surge com uma relevância média-baixa; a subcategoria **Descrição da obra** com uma relevância muito baixa; a subcategoria **Simbolismo da obra** apresenta uma relevância média-alta; a subcategoria **Sentinela Plana** com uma relevância média-baixa, contudo, no que concerne à extensão da restante estrutura do sistema categorial, esta subcategoria distinguiu-se consideravelmente; e por último, a subcategoria **Pontos de vista** que apresenta uma relevância elevada neste 2º nível de categorização.

Assembleia de Euclides

Code: DISCUSSÃO \ Assembleia de Euclides

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

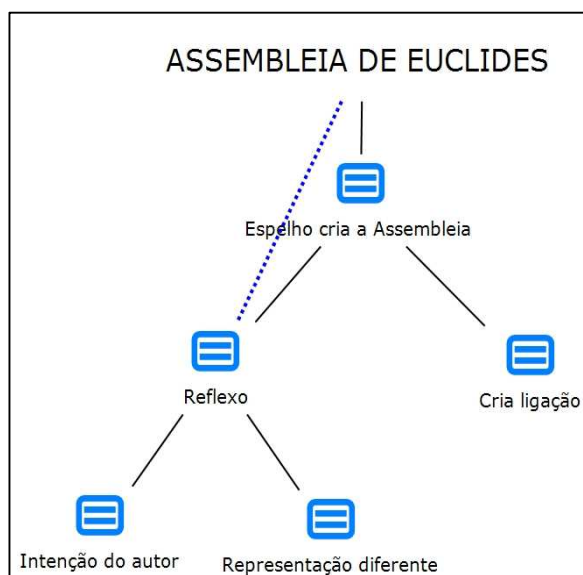


Figura 4 – Assembleia de Euclides
(Diagrama)

A subcategoria **Assembleia de Euclides** (Figura 4) apresenta uma estrutura estendida, porém, simples e sustentada por um conteúdo muito associado à necessidade de observar que linguagem (ou elementos) são reveladores da modelação da obra, e como a forma cria um possível vínculo à significação da obra.

Assim, a subcategoria **Assembleia de Euclides** surge como resposta imediata às questões que suscitaram e formaram a **Agenda da Discussão** Ex: “ (...) eu acho que isto é assim: isto aqui é supostamente uma assembleia, por isso, se desta maneira, mais ou menos onde eu estou, dá para ver o boneco e as outras duas caras, isto aqui é suposto ser uma assembleia e normalmente as assembleias têm várias pessoas. Por isso, eu acho que, mais ou menos, o espelho está ali porque reflecte as outras três personagens, o boneco está à frente que é para aparecer também no espelho, por isso é que o homem está à frente do espelho e por isso é que o homem aparece reflectido no espelho.” IND 8 (Masculino). A intervenção do IND 8, que abre a **Discussão**, exigiu uma estruturação da subcategoria sustentada na teoria de que de facto o **Espelho cria a Assembleia**, pelo que, o próprio CONV1 devolve a tese à discussão Ex: “Então, achas que é o espelho que cria a assembleia?”. As diferentes possibilidades de **Reflexo** são então referidas Ex: “(...) Porque é que o nosso contacto com as diferentes criaturas aqui representadas se faz através do espelho e não através de contacto directo? (...)” e isto porque estes diferentes contactos indirectos obrigam a que se observe como o espelho de facto estabelece ou **Cria ligação** entre os vários elementos que constituem a obra enquanto permitem que estes se associem, num universo diferente, ao título que denomina a obra Ex: “Pode querer dizer que pode haver também uma relação entre aquela figura e as duas caras. Pode haver uma ligação entre elas.” IND 9 (Masculino). De facto, é pedido pelo próprio CONV1 que seja observada a **Intensão do autor** Ex: “E isso pode ter algum significado. Do ponto de vista de quem criou a instalação, o que é que acham que isso pode ser enquanto intenção?”, o que permitiu que fosse considerada a possibilidade da obra em referência ser de facto uma **Representação diferente** de assembleia Ex: “Eu acho que não quer dizer nada. Acho que isto é uma maneira diferente de representar (...) [De] apresentar uma assembleia!” IND 1 (Masculino).

A subcategoria **Assembleia de Euclides** (Figura 4) apresenta uma intercecção interna à subcategoria **Reflexo**.

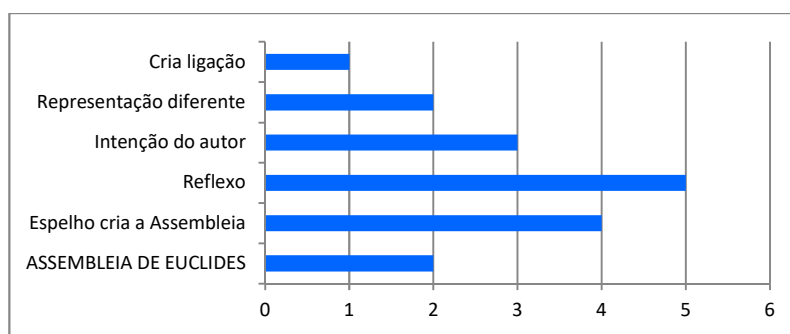


Tabela 3 – Assembleia de Euclides (ARTD)

No quadro de ARTD da subcategoria **Assembleia de Euclides** (Tabela 3) relata a circunstância natural de um discursivo desenvolvido imediatamente a seguir à constituição da **Agenda da Discussão** e que se encontra ainda muito imbuído das primeiras impressões.

Assim, a subcategoria **Assembleia de Euclides** apresenta um grau de relevância médio-baixo e que se estende à subcategoria **Espelho cria a Assembleia** como um grau de relevância alto para o processo categorial em questão. Por sua vez, a subcategoria

Espelho cria a Assembleia estende-se ainda às subcategorias: **Reflexo** com um grau de relevância elevado e que se associa ainda à subcategoria **Intenção do autor** com um grau de relevância médio e à subcategoria **Representação diferente** com uma relevância média-baixa; e ainda, à subcategoria **Cria ligação** com uma relevância diminuta.

Descrição da obra

Code: DISCUSSÃO \ Descrição da obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

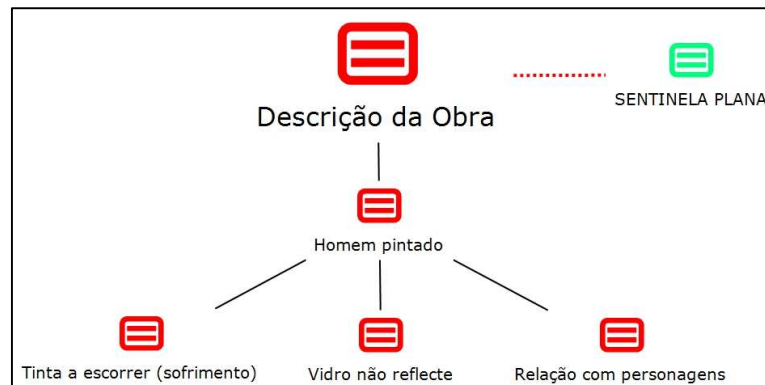


Figura 5 – Descrição da obra (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da obra** (Figura 5) apresenta uma estrutura difusa simples e caracteriza um curto momento da discussão em que os conteúdos apresentados foram totalmente associados à descrição minuciosa de um dos elementos que compõe a obra – o **Homem pintado** no vidro.

Assim, a subcategoria **Descrição da obra** surge através da incitação efectuada pelo CONV1 “De apresentar uma assembleia... Mais, opiniões diferentes?” que teve como resposta imediata uma possível interpretação simbólica para o **Homem pintado** Ex: “ (...) Aquela figura também parece que está de alguma forma a sofrer, porque a tinta está [escorrida] ...” IND 9 (Masculino). Por sua vez, esta observação procura estruturar afinidades simbólicas, isto é, a **Tinta a escorrer** está necessariamente associada ao *sofrimento* Ex: “Parece que tem um problema!” IND 1 (Masculino) e, ainda, a ausência de caracterização facial no *homem pintado* obriga a que se estabeleça a sua possível **Relação com personagens** (posteriormente serão nomeadas de *máscaras*) Ex: “...Pode ter a ver com a cara zangada e a cara feliz!” IND 8 (Masculino). Mais, a natureza do suporte sobre o qual o homem foi pintado adverte para o facto de que o **Vidro não reflecte** Ex: “E porque é que é um vidro e não num espelho? O espelho reflecte e o vidro não.” IND 5 (Masculino), ou seja, a figura do *homem pintado* é devolvida a si mesmo pelo espelho colocado à sua frente. A sequência das argumentações que se apresentaram no desenvolvimento da temática estruturada pela subcategoria **Descrição da obra** cedeu a esta investigação a possibilidade de observar intervenções complementares e de grande cumplicidade discursiva. Mais, a necessidade de *descrever a obra* através da nomeação de um ou mais elementos que a compõe, é prática habitual observada nas Sessões anteriores, porém, neste caso específico, as mesmas necessidades discursivas apresentaram-se intensa, mas fugazmente, deixando registado na **Discussão** apenas o que foi considerado essencial – a relação do objecto formal com o significado simbólico codificado, ou não, pela sua relação com outros elementos e com o próprio material de que se constitui.

A subcategoria **Descrição da obra** apresenta intersecção exterior (Figura 5), natural e evidente, com a subcategoria **Sentinela Plana**. Na realidade este momento da Discussão foi caracterizado e diferenciado do seu sucedâneo para que se destacasse a evolução teórica dos conteúdos que estruturam ambas as questões.

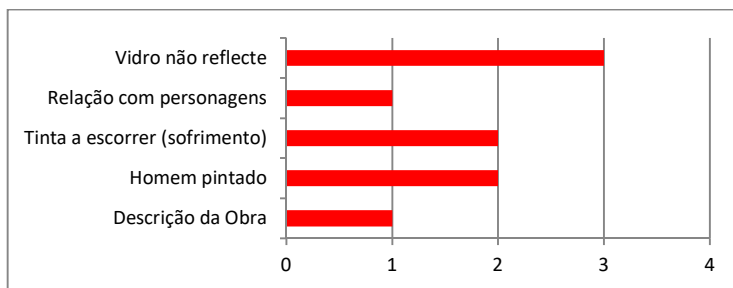


Tabela 4 – Descrição da obra (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Descrição da obra** (Tabela 4) esta apresenta um grau de relevância baixo e que se estende à maioria das suas subcategorias:

- **Homem pintado** com uma relevância média e que se estende às subcategorias:
 - **Tinta a escorrer (sofrimento)** que apresenta um grau de relevância média; **Relação com personagens** que apresenta um grau de relevância média; e ainda, **Vidro não reflete** que apresenta um grau de relevância elevado.

Simbolismo da obra

Code: DISCUSSÃO \ Simbolismo da obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização por valorização

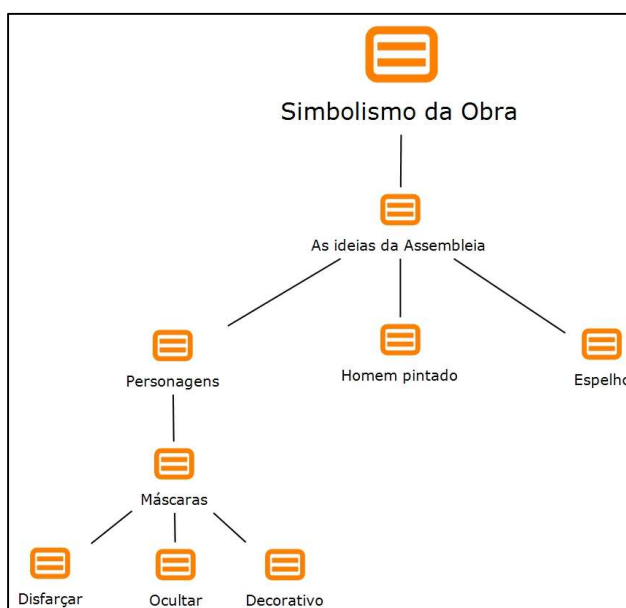


Figura 6 – Simbolismo da obra (Diagrama)

A subcategoria **Simbolismo da obra** (Figura 10) apresenta uma estrutura complexa e algo densa, com uma peculiar categorização por valorização. Se a valorização teórica surge a partir da percepção e experimentação da obra, da observação crítica dos elementos referenciados que constituem a obra, principalmente, na observação do modo como estes se relacionam para que seja possível aceder ao sentido da própria obra, então, a natureza teórica que sustenta a subcategoria **Simbolismo da obra** adequa-se integralmente nesse propósito.

Assim, a subcategoria **Simbolismo da obra** surge através da intervenção do IND 8 cuja argumentação incorpora toda extensão conceptual visada pela subcategoria, isto é, determinar significado simbólico Ex: “Acho que cada figura quer representar alguma coisa, não sei bem o quê, já tentei ver isso. Mas não acho bem, que uma das caras tenha uma cara zangada, acho que tem mais uma cara séria, a outra está feliz e o boneco é que não percebi bem. Eu acho que o espelho, como só do ponto de vista das caras se vê o boneco e do ponto de vista boneco é que se vê as caras, mas a partir daqui, ao olhar para o espelho, vê-se os dois, acho que podia ser como se fosse as ideias... As ideias da Assembleia!”. De facto, o conceito de *assembleia* formalizado pela obra oferece ao observador uma tipologia ou *explicação* de *assembleia* Ex: “Eu sei que é a Assembleia de Euclides mas não acho que seja uma assembleia tipo, uma reunião. Eu acho que estão a utilizar a assembleia como uma maneira de explicar (...)” IND 6 (Masculino).

Porém, nessa mesma *assembleia*, a relação formal entre os seus vários elementos, enunciam-se aquelas que são **As ideias da Assembleia**, ou seja, a obra oferece-nos essa possibilidade de dar forma a sentimentos, emoções, factos ou ideias, tal como foi realçado pelo CONV1 “Então, estão a aproximar-se um bocadinho da noção do IND8 que através destes espelhos nós vamos tendo acesso a ideias, é isso? Sentimentos, emoções... os nossos estados de espírito, de consciência, dos nossos estados de espírito.”, ou ainda, através de uma visão mais formal do propósito da obra Ex: “(...) a partir do espelho vê-se tudo e acho que também pode ser uma assembleia porque, como o espelho vê tudo, é como se o espelho tivesse concentrado toda a gente. Por isso, é como se fosse uma assembleia, um conjunto de pessoas juntas.” IND 8 (Masculino).

Surge, então, a necessidade de observar como é que os elementos figurativos se organizam de modo a constituírem esse sentido de *assembleia*. Observam-se as **Personagens** com registos de diferentes expressões sejam estas *zangadas*, *sérias* ou *felizes* e que podem simbolizar a ideia de *consciência do homem pintado* no vidro, os seus *sentimentos* Ex: “ (...) Eu acho que também pode querer dizer que aquele homem, que tem aqueles traços, pode querer dizer que tem feridas. Normalmente, quando nós temos feridas, estamos a sofrer alguma coisa fisicamente. E aquilo é o feliz e o zangado e, então, acho que quer dizer a maneira de como podemos estar: os sentimentos!” IND 1 (Masculino) ou, então, os seus possíveis *disfarces* Ex: “Este [vidro] está a vigiar e os outros estão disfarçados!” IND 5 (Masculino). Assim, a ideia de **Personagens** abre território conceptual para uma abordagem mais focada do conceito de **Máscaras**, numa demanda mais restrita que visa revelar o seu sentido e a sua utilidade. *As máscaras* foram observadas como sendo *ocas* e com *buracos* como olhos tendo como objectivo **Disfarçar** Ex: “Uma máscara é um acessório... para disfarçar.” IND 1 (Masculino), **Ocultar** Ex: “Para tapar o rosto.” IND 10 (Masculino), ou simplesmente como objecto **Decorativo** Ex: “(...) as máscaras podem ser só para enfeitar aquele sítio (...)” IND 2 (Masculino). Porém, quando CONV1 instiga para uma observação mais incisiva da *máscara* e devolve a questão à discussão “Aqui, nesta peça, qual será a função das máscaras?”, as intervenções desviam-se para conteúdos mais conceptuais e perspicazes, como anuncia a intervenção imediata da IND 11 “Também podem ser mais ou menos sentinelas.” que *guardam* ou *vigiam* “A área que elas vêem!”, inaugurando assim uma outra direcção de pensamento que articula o conceito de **Sentinela Plana**.

Ainda visando o contexto, já mencionado, da necessidade de observar o modo como os elementos figurativos se organizam de modo a constituírem esse sentido de *assembleia*, surge ainda o elemento **Homem pintado** que *não tem rosto* e que conduz à necessidade de espiar a possibilidade de *representar o próprio Euclides*; e ainda o elemento **Espelho** como lugar onde o homem pintado identifica os seus estados de alma Ex: “ (...) aquilo não está a dizer nariz ou expressão da cara, portanto, eu acho que ele está a olhar para o espelho e a dizer: Como é que eu estou hoje? Estou feliz ou estou zangado? (...)” IND 1 (Masculino). A subcategoria **Simbolismo da obra** desenvolve-se em dois momentos muito específicos: o primeiro ocorre imediatamente a seguir às intervenções que sustentaram a subcategoria **Descrição da obra**, e isto porque a descrição minuciosa de um dos elementos que constitui a obra sugere de imediato que se investigue o que representa cada um dos elementos; o segundo momento considera o simbolismo da *máscara*. Cada um destes dois momentos é seguido de intervenções que estruturam e desenvolvem a subcategoria **Sentinela Plana**, ou seja, depois de nomeado o elemento e apontada a sua função simbólica segue-se a natural reconstrução do contexto que associa cada um destes elementos ao conteúdo anunciado pelo título da obra.

A subcategoria **Simbolismo da obra** (Figura 6) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

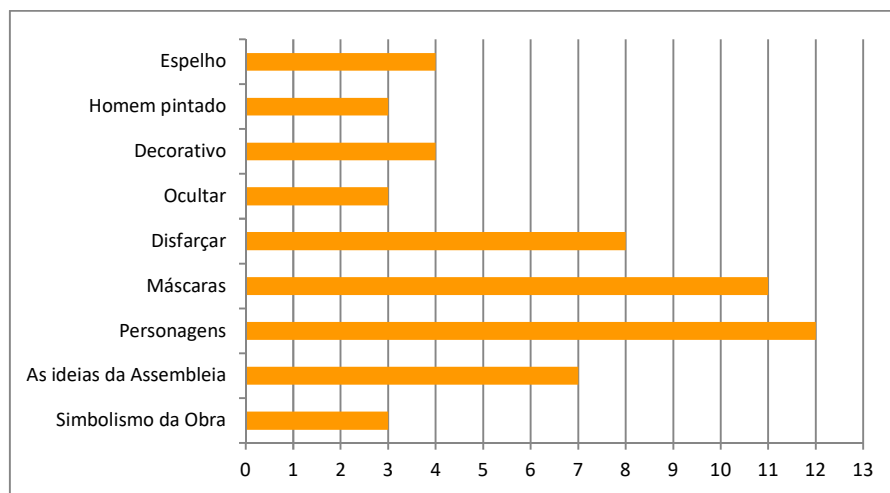


Tabela 5 – Simbolismo da obra (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Simbolismo da obra** (Tabela 5) apresenta um nível de relevância baixo e que se estende à subcategoria **As ideias da Assembleia** com um grau de relevância médio.

A subcategoria **As ideias da Assembleia**, por sua vez, estrutura-se por agregação através da subcategoria **Personagens** com um grau de relevância elevado e que se associa ainda às subcategorias:

- **Máscaras** com uma relevância elevada e que compreende as subcategorias:
 - **Disfarçar** com um grau de relevância média-alta;
 - **Ocultar** com um grau de relevância baixa;
 - **Decorativo** com um grau de relevância média-baixa;
- **Homem pintado** com uma relevância baixa;
- **Espelho** com uma relevância média-baixa.

Sentinela Plana

Code: DISCUSSÃO \ Sentinela Plana

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

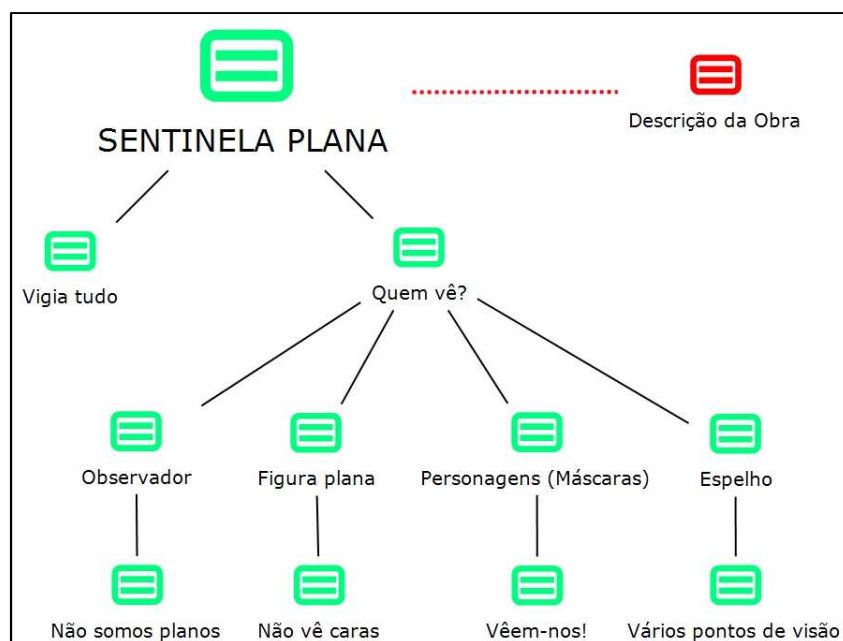


Figura 7 – Sentinela Plana
(Diagrama)

A subcategoria **Sentinela Plana** (Figura 7) apresenta uma estrutura complexa e densa, com uma categorização que fundiu a observação descritiva com uma experimentação física da obra que fomentou uma forte construção teórica por valorização, ou seja, procurou estabelecer as funções inerentes a cada um dos elementos constituintes da obra para que se abrisse a possibilidade de compreender como é que estes denunciam o possível significado do título.

A subcategoria **Sentinela Plana** surge aquando da intervenção da IND 11 quando esta acrescenta à discussão uma argumentação perspicaz que anuncia a necessidade de conceder aos elementos que constituem a obra características próprias do observador, daquele que goza da capacidade de criar diálogos internos variados enquanto estabelece de uma certa afinidade¹ com a obra Ex: “Também podem ser mais ou menos sentinelas.” que *guardam* ou *vigiam* “A área que elas vêem!”

Assim, a sentinela é quem **Vigia tudo** mediante o seu ponto de vista, se houver de facto possibilidade de visão Ex: “A parte da sentinela é estar a vigiar tudo, ou então, a sentinela é a figura plana mas, se calhar, não é sentinela porque não vê as caras!” IND 6 (Masculino). Posteriormente, o conceito de sentinela especifica-se mediante a premissa, anteriormente anunciada, de que a sua capacidade de vigia está determinada pela *área que elas vêem* Ex: “As máscaras podem ser as sentinelas deste espaço e o espelho pode ser a sentinela daquele espaço onde estão as máscaras. Portanto, podem estar as duas a vigiar uma à outra: o espelho às máscaras e as máscaras ao espelho.” IND 9 (Masculino).

¹ Esta *afinidade* não se estabelece por *nuanças* prazerosas que estabelecem questões de gosto, mas sim, pela natural disposição e aceitação de um diálogo que se constrói aquando da experimentação da obra.

A **Discussão** retoma a mesma ordem de ideias, porém, agora mais vocacionada em inquirir **Quem vê?** e que significado essa nomeação poderá vir a ter para a compreensão da obra. Assim, observa-se a hipótese de o **Observador** (criança-participante) ser essa sentinela “Ou então somos nós, a sentinela!” IND 1 (Masculino), porém, IND 6 refuta e afirma que **Não somos planos** e “ (...) nós conseguimos ver o espelho, o boneco e as máscaras mas não conseguimos ver a nós [próprios]!” IND 8 (Masculino). Apesar de tudo o que é observado fica ainda a referência ao desdobramento da identificação não só *quem é a sentinela* por associação à possibilidade de *visão* mas também da *acção* que lhe é designada “Eu acho que o espelho é, imagino, que quando alguém se quer ver ao espelho não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver são aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós. É tipo, trocar de posto!” IND 1 (Masculino).

Segue-se a **Figura plana** como hipótese a verificar e constata-se que a mesma por ser *cega* e através do espelho “Só consegue ver a ela própria!” IND 9 (Masculino). A mesma **Não vê caras** Ex: “A parte da sentinela é estar a vigiar tudo, ou então, a sentinela é a figura plana mas, se calhar, não é sentinela porque não vê as caras.” IND 6 (Masculino).

As **Personagens (máscaras)** foram igualmente observadas como possíveis sentinelas Ex: “Ou então são as caras porque nos estão a ver a nós!” IND 10 (Masculino). De facto, a questão de que as *máscaras* poderiam ser a *sentinela plana*, já havia sido avançada no início pela IND 11, porém, contactar a sua *área de observação* foi um fenómeno que só ocorreu por aproximação à obra, sendo que para este caso, a aproximação foi feita directamente aos elementos nomeados por *personagens* e caracterizado pela tentativa de cada criança-participante ter-se colocado na posição mais próxima possível e assumido a direcção do seu olhar vazado. Assim foi manifestamente verificado que as *máscaras* **Vêm-nos!**

Por último, o **Espelho** que também é observado como possível sentinela plana Ex: “A visão de certeza que não é esta [Homem pintado] porque esta não tem olhos, por isso, acho que aquelas outras caras estão viradas para o espelho e nós é que estamos a ver o espelho, e no espelho vê-se as caras que estão a olhar para nós!” IND 2 (Masculino). O *espelho* vê o observador “ (...) o espelho, por exemplo do ponto de vista dali de trás, vê-nos a nós, vê-se o boneco e vê-se as outras personagens lá atrás, por isso, pode ser porque vê todos e toma conta de tudo... e é plano!” IND 10 (Masculino). Mais, o **Espelho** permite que o conceito de *sentinela* se estenda à compreensão da representação do conceito de *assembleia* Ex: “ (...) eu acho que isto poderá ser a sentinela porque a partir do espelho vê-se tudo e acho que também pode ser uma assembleia porque, como o espelho vê tudo é como se o espelho tivesse concentrado toda a gente. Por isso, é como se fosse uma assembleia, um conjunto de pessoas juntas.” IND 10 (Masculino) e isto porque, a premissa de que a sentinela teria de dominar **Vários pontos de visão** é cumprida pelo *espelho* Ex: “Acho que é exactamente o espelho essa sentinela porque acho é o único que consegue ver todos os pontos.” IND 8 (Masculino).

A subcategoria **Sentinela Plana** é nesta **Discussão** a mais extensa e densa em conteúdos pertinentes. De facto, os conteúdos teorizados foram desenvolvidos em dois momentos intercalados com os conteúdos específicos que estruturaram a subcategoria **Simbolismo da obra**: se através da subcategoria **Simbolismo da obra** foi possível associar aos elementos constituintes da obra um determinado significado simbólico, através da subcategoria **Sentinela Plana** foi possível elevar os conteúdos e desenvolver uma dialéctica própria entre as formas que dão corpo à obra associados à sua função para que assim se reveja a ligação ao sentido do título, isto é, o significado de *assembleia*.

Tal como havia sido indicado a subcategoria **Simbolismo da obra** desenvolve-se em dois momentos que surgem como sequência directa das ocorrências que estruturam e desenvolvem a subcategoria **Simbolismo da obra**. No entanto, para este

contexto específico, é de referir a evidente indispensabilidade de aproximação à obra que provou ser determinante para a formação de uma tipologia de narrativa ou argumentação distinta, ou seja, mais objectivada pela experimentação, mais alargada à verificação das várias hipóteses colocadas, mais sensível à possibilidade factual oferecida pela obra. Ex: “ Sim, sim, eu andei a ver... e a partir do espelho dá para ver as máscaras, o boneco, o espelho e a nós!” IND 8 (Masculino).

A subcategoria **Sentinela Plana** (Figura 7) apresenta intersecção externa à subcategoria **Descrição da obra**, tal como já havia sido referido. Na realidade este é o momento da **Discussão** que se caracteriza por encerrar um processo que evoluiu em três fases, cada uma definida por características específicas: 1ª Fase **Descrição da obra** – nomeação de elemento constituinte da obra com características pertinentes às necessidades discursivas; 2ª Fase **Simbolismo da obra** – determinar significado simbólico; e 3ª Fase **Sentinela Plana** – estabelecer as funções dos vários elementos constituintes da obra e associar as mesmas ao significado do título.

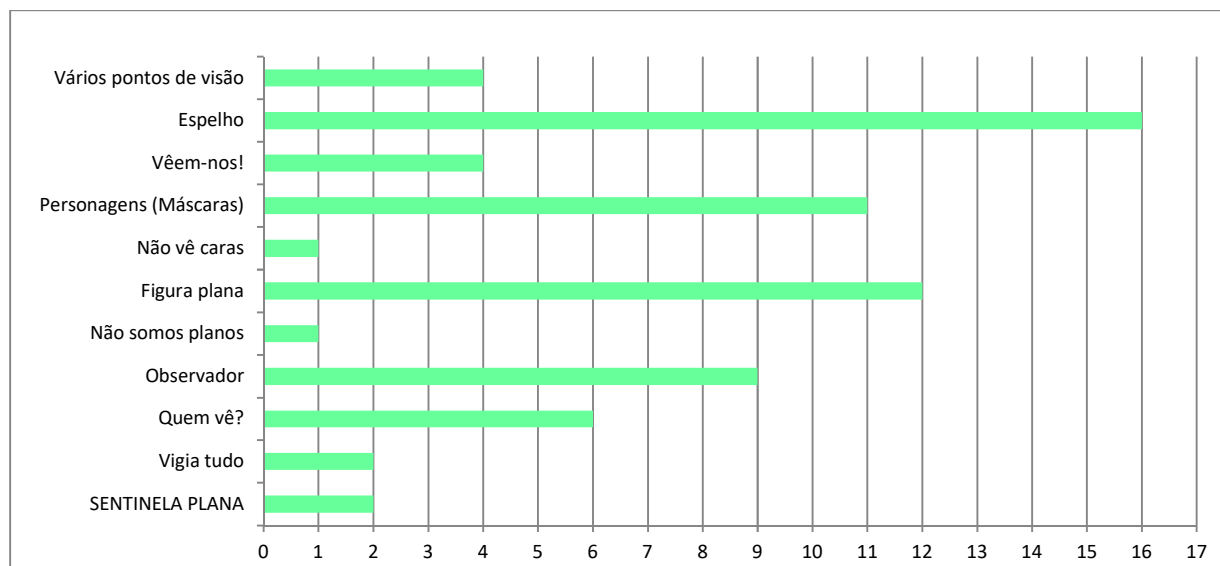


Tabela 6 – Sentinela Plana (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Sentinela Plana** (Tabela 6) apresenta um grau de diminuto, porém, numa perspectiva global a relevância teórica associada a esta subcategoria pode ser considerada como elevada.

Assim, a subcategoria **Sentinela Plana** estende-se ainda às subcategorias:

- **Vigia tudo** que apresenta um grau de relevância diminuto;
- **Quem vê?** que apresenta um grau de relevância baixo e que se estende ainda às subcategorias:
 - **Observador** com um grau de relevância médio;
 - **Não somos planos** com um grau de relevância diminuto;
- **Figura plana** com um grau de relevância médio-alto;
- **Não vê caras** com um grau de relevância diminuto;
- **Personagens (Máscaras)** com um grau de relevância médio-alto;
- **Vêem-nos!** com um grau de relevância baixo;

- **Espelho** com um grau de relevância elevado;

- **Vários pontos de visão** com um grau de relevância baixo.

Ponto de vista

Code: DISCUSSÃO \ Ponto de vista

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

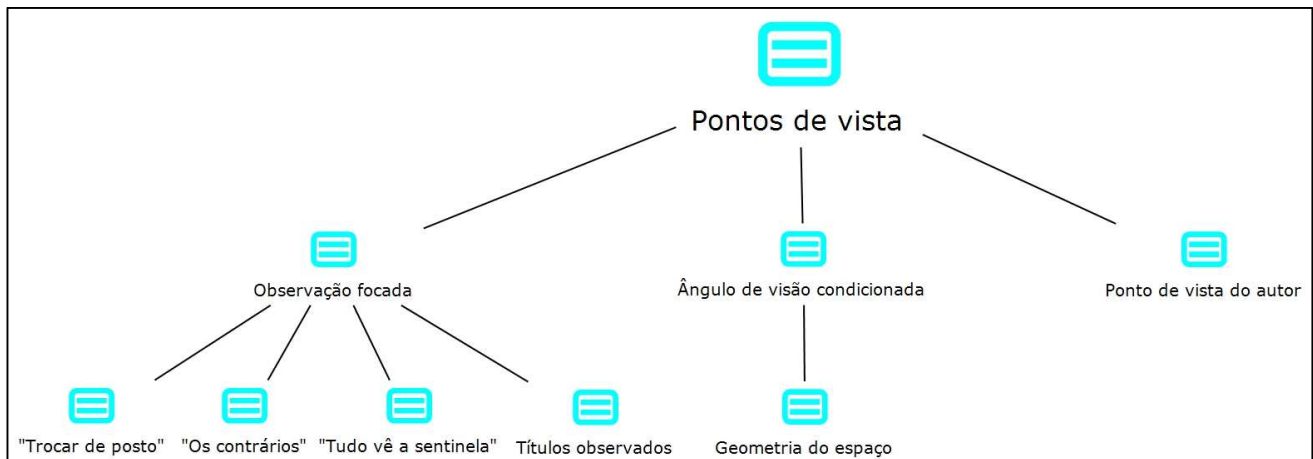


Figura 8 – Ponto de vista (Diagrama)

A subcategoria **Pontos de vista** (Figura 8) apresenta uma estrutura extensa, com uma forte categorização por valorização. Conforme considerado anteriormente (ver pág. 7), a subcategoria **Pontos de vista** é anunciada no decorrer da **Discussão** pelo CONV1 que observa o conteúdo das intervenções e instiga a uma observação mais inteirada “E qual será a importância daquilo de que falava o IND 10, que de repente nós só temos acesso a isto de determinados pontos de vista? O IND 8 também falou nisto: “no ponto em que eu aqui estou consigo ver...”. Se for ali, o IND5 também falou nisto: “do lado do boneco nós não vemos as figuras do lado das figuras, do lado das figuras nós não vemos o boneco, mas deste lado onde nos encontramos conseguimos ver as coisas de outra maneira”. O que é que isto poderá querer dizer, no conjunto da peça?”.

A subcategoria **Pontos de vista** define esse outro lugar para onde a criança-participante se desloca para se confrontar directamente com o discurso da obra, isto é, a obra em referência submete o observador a mover-se fisicamente em seu redor, e neste caso específico, para dentro do seu próprio espaço, de modo a confrontar-se com essa outra realidade encoberta pelo seu silêncio. Ambos os facilitadores acompanharam este movimento Ex: “A conclusão que tiras disso tudo é qual? Qual é a ideia que retiras desses ângulos que andaste a medir?” CONV1. Assim, este fenómeno de deslocação em direcção à obra revela-se, na sua essência, uma **Observação focada** Ex: “Quando nós estamos zangados temos de perceber porque é que estamos zangados e tentar resolver as coisas. Quando nós estamos feridos temos de saber onde estamos feridos: tenho uma ferida no joelho, o que é que eu posso fazer? Se tenho uma ferida no joelho não posso pôr um penso no braço, é no joelho!” IND 1 (Masculino). Na verdade, a pertinência do dito gerou a necessidade de os facilitadores aclararem o fenómeno de modo a permitir que o mesmo fosse considerado e fundasse os alicerces de uma outra consciência colectiva Ex: “(...) e explicou, o IND1, que estarmos de fora para ver é a necessidade que temos de sair, ou seja, de assumirmos um ponto de vista para percebermos

também o que se passa connosco...” CONV1, ou ainda, quando IND 8 confirma “Sim, sim, eu andei a ver... e a partir do espelho dá para ver as máscaras, o boneco, o espelho e a nós!” e a INV observa “Então foste confirmar essa teoria?”

A da forte alusão à indispensabilidade motora revê-se ainda nos três aspectos teóricos fundamentais que emergem da elaboração assertividade e acutilante dos seguintes conceitos: “**Trocar de posto**” refere a alternância dos observadores Ex: “Eu acho que o espelho é, imagino, que quando alguém se quer ver ao espelho não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver são aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós. É tipo, trocar de posto!” IND 1 (Masculino); “**Os contrários**” refere os elementos que formam entre si pares opostos Ex: “ (...) Então é como se fosse o contrário: o espelho reflecte mas o vidro basicamente não reflecte e ainda para mais está pintado, então é como se fossem basicamente o contrário um do outro... Um é um espelho o outro é um vidro e como o vidro, ainda para mais, está pintado, ainda reflecte menos. Por isso, acho que pode ser também os contrários.” IND 8 (Masculino); “**Tudo vê a sentinela**” refere como o conceito de sentinela nomeado no título pode ser um conceito invertido ao ser apresentado como um pressuposto lógico Ex: “ (...) eu acho que se calhar a coisa da sentinela é uma coisa invertida. Em vez de ser a sentinela que vê tudo, tudo vê a sentinela, porque o espelho, nós podemos estar aqui, vemos tudo mas não nos vemos a nós, a máscara está ali, vê algumas coisas mas não se vêem a elas, na verdade todos os pontos se vêem no espelho. Se calhar “a sentinela” em vez de ser a sentinela que vê tudo é o tudo que vê a sentinela.” IND 6 (Masculino); e ainda, o registo dos possíveis **Títulos observados** e sugeridos aleatoriamente pelas crianças-participantes solicitados pelo CONV1 e que encerraram a Sessão Ex: “Os ângulos cegos” IND 5 (Masculino) ou “O Carnaval dos Greco-mundos” IND 1 (Masculino).

A subcategoria **Pontos de vista** define-se ainda através da noção de **Ângulo de visão** que está *condicionada* pela própria **Geometria do espaço** que é determinado através da observação dos elementos que compõe não só a obra mas o espaço que a obra ostenta Ex: “Geometria... Se continuarmos isto dava um triângulo...” IND 10 (Masculino); e ainda, pela menção ao **Ponto de vista do autor** que não só atiçou alguma curiosidade Ex: “Como é que o senhor que fez esta obra sabia exactamente onde pôr o espelho, a inclinação, estas canas e as máscaras?” IND 1 (Masculino), como promoveu a resposta imediata “Estudou o assunto... Por tentativa e erro! Foi vendo os ângulos de visão até chegar a uma conclusão.” IND 5 (Masculino), como ainda testemunhou revelou o clima empático que certificou toda a Sessão “Se calhar andou a fazer como vocês andaram a fazer durante nesta toda sessão... só que vocês não podiam tocar em nada e ele podia tocar em tudo!” INV que sustou de imediato o comentário (colectivo) “Pois, grande sorte!”

A subcategoria **Pontos de vista** emerge dos conteúdos desenvolvidos na discussão em dois momentos específicos: o primeiro surge aquando da intervenção do IND 1 que sugere apresenta a necessidade de se assumir um ponto de vista objectivo e esclarecido ou, uma *observação focada* “Quando nós estamos zangados temos de perceber porque é que estamos zangados e tentar resolver as coisas. Quando nós estamos feridos temos de saber onde estamos feridos: tenho uma ferida no joelho, o que é que eu posso fazer? Se tenho uma ferida no joelho não posso pôr um penso no braço, é no joelho!”; o segundo estrutura-se no final da Sessão e assume a conclusão da discussão.

A subcategoria **Pontos de vista** (Figura 8) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

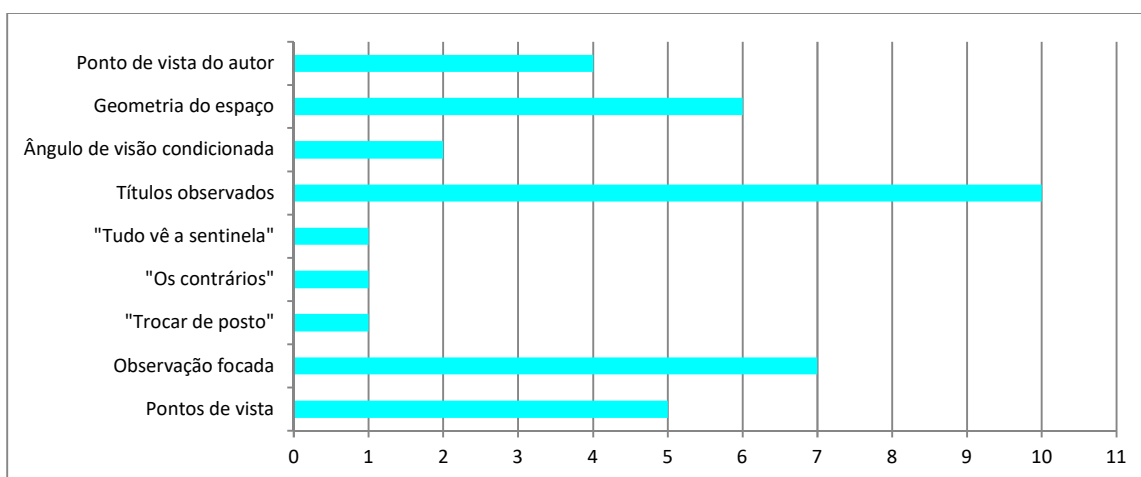


Tabela 7 – Ponto de vista
(ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Pontos de vista** (Tabela 7) apresenta uma relevância média que de algum modo espelha, numa perspectiva global, a relevância teórica associada a esta subcategoria.

Assim, a subcategoria **Pontos de vista** estende-se ainda às subcategorias:

- **Observação focada** que apresenta um grau de relevância média-alta e que se estende ainda às subcategorias:
 - “**Trocar de posto**” com um grau de relevância muito baixo;
 - “**Os contrários**” com um grau de relevância muito baixo;
 - “**Tudo vê a sentinela**” com um grau de relevância muito baixo;
 - **Títulos observados** com um grau de relevância elevada;
- **Ângulo de visão condicionada** que apresenta um grau de relevância baixo e que se estende ainda à subcategoria:
 - **Geometria do espaço** com um grau de relevância médio;
- **Ponto de vista do autor** que apresenta um grau de relevância médio.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R12A manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados ARTD de modo a possibilitar que se constituam as questões de referência (Figura 16).

A ARDG (Crianças-participantes) do R12A mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adultos) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos. Tal como no R1A, a ARDG da 12ª Sessão A, permitiu que se constituísse RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada indivíduo considerado.

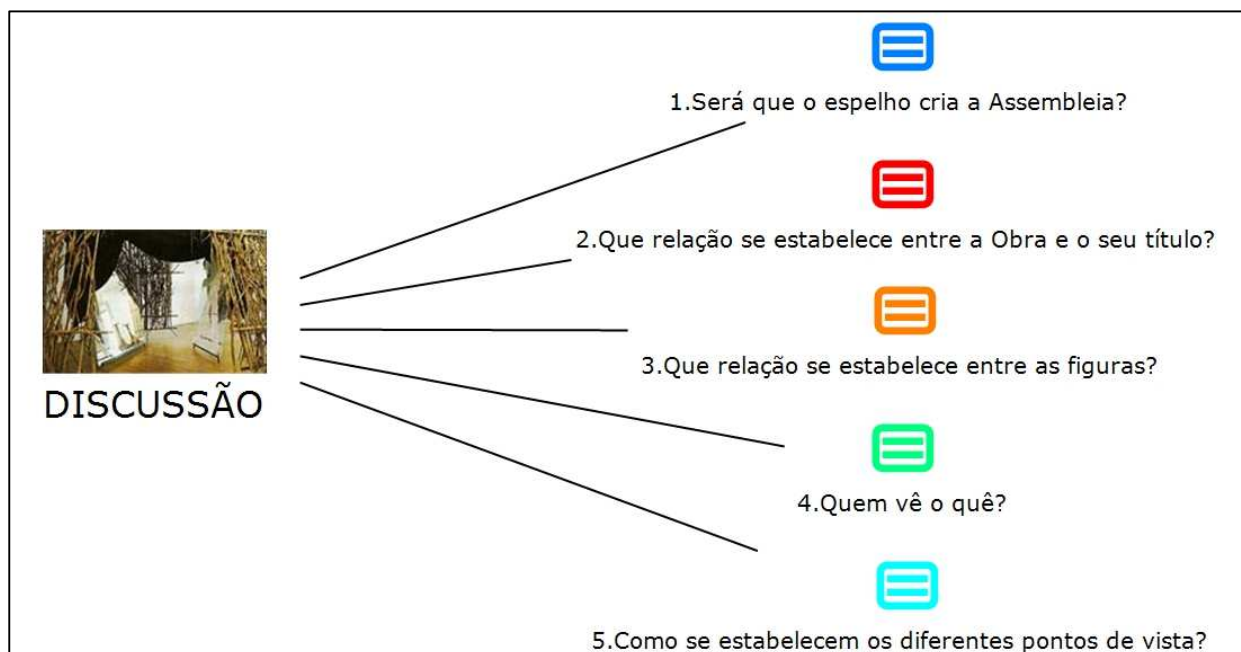


Figura 9 – Questões de Referência
(Diagrama)

Na 12ª Sessão A a ARDG (Crianças-participantes e Adultos) considerou as seguintes questões de referência (Figura 9):

- 1. Será que o espelho cria a Assembleia?** Anuncia-se na 1ª Questão da **Agenda da Discussão** e que assume o tom inicial da **Discussão** quando o IND 8 observa como o espelho e o seu reflexo estabelece relação entre os vários elementos que constituem a obra. Esta mesma intervenção reverbera ainda na intervenção esclarecedora do CONV1 “(...) porque será que é o espelho que cria a assembleia? Haverá alguma intenção? O que é que isto poderá querer dizer? Nós temos acesso a uma assembleia, que é um conjunto de criaturas ou entes, não através do contacto directo com esses entes mas através do reflexo, do seu reflexo no espelho. O que é que isto pode querer dizer? (...)”. Assim, observa-se que a questão advém da necessidade de assegurar a

correspondência directa dos aspectos formais intrínsecos à obra (*reflexos*) com as relações que nela se estabelecem (*ligações*) de modo a assegurar a possibilidade de se revelar o seu propósito último (*significação*).

2. **Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?** Expõe o confronto entre o significado dado ao título da obra e a própria obra observada através da simbologia oferecida aos elementos que a constituem Ex: “A peça tem dois títulos é *Assembleia de Euclides* e *Sentinela Plana*... Sentinela é o que está vigiar!” IND 6 (Masculino), e ainda, Ex: “ (...) Eu acho que o espelho, como só do ponto de vista das caras se vê o boneco e do ponto de vista boneco é que se vê as caras, mas a partir daqui, ao olhar para o espelho, vê-se os dois, acho que podia ser como se fosse as ideias... As ideias da Assembleia!” IND 8 (Masculino);
3. **Que relação se estabelece entre a obra e as figuras?** Inicialmente, anuncia-se aquando da formação da Agenda da Discussão Ex: “O que simbolizam as personagens ali do lado?” IND 10 (Masculino). Posteriormente, retoma o seu lugar de conveniência à discussão quando se procura reconhecer o sentido simbólico das relações estabelecidas entre os vários elementos que constituem a obra e ainda, a importância destas relações para o reconhecimento da obra total, como esclarece CONV1 “O IND1 estava a dizer que só temos acesso ao que se passa em determinados pontos, tem a ver com a necessidade de quando estamos: sérios, contentes, feridos ou animados, temos necessidade de perceber, o que simboliza, temos a necessidade de percebermos o que se passa connosco. Ou seja, é como se nós tivéssemos que assumirmos um ponto de vista para percebermos o que se passa connosco.”;
4. **Quem vê o quê?** Surge como questão a considerar quando a INV a formaliza durante a **Discussão** com o intuito de focar as intervenções que procuravam estabelecer as funções desempenhadas pelos vários elementos que constituem a obra e que de algum modo permitem estabelecer a dinâmica interna da obra Ex: “A parte da sentinela é estar a vigiar tudo, ou então, a sentinela é a figura plana mas, se calhar, não é sentinela porque não vê as caras!” IND6 (Masculino);
5. **Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?** Emerge da relação directa da criança-observadora com a obra através dos seus vários movimentos em direção à obra: na sua observação de natureza empática ao se colocar no lugar do outro que é elemento constituinte da obra Ex: “A conclusão que tiras disso tudo é qual? Qual é a ideia que tiras desses ângulos que andaste a medir?” CONV1, e no jogo lúdico mas crítico que observou a possibilidade de alternância de lugar Ex: “Eu acho que o espelho é, imagino, que quando alguém se quer ver ao espelho não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver é aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós! É tipo, trocar de posto!”.

1. Será que o espelho cria a Assembleia?

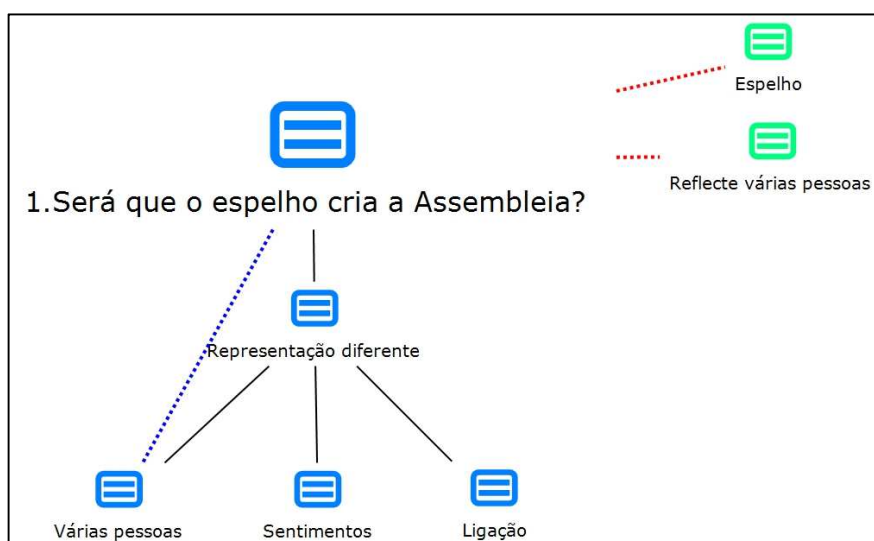


Figura 10 – 1. Será que o espelho cria a Assembleia?
(Diagrama)

A questão **1. Será que o espelho cria a Assembleia?** (Figura 10) que apresenta uma estrutura entroncada e pouco expandida, e inaugura os interesses teóricos da **Agenda da Discussão** “O que é que o espelho tem a ver com o resto?” IND 8 (Masculino) e da própria **Discussão** “(...) eu acho que isto é assim: isto aqui é supostamente uma assembleia, por isso, se desta maneira, mais ou menos onde eu estou, dá para ver o boneco e as outras duas caras, isto aqui é suposto ser uma assembleia e normalmente as assembleias têm várias pessoas. Por isso, eu acho que, mais ou menos, o espelho está ali porque reflecte as outras três personagens, o boneco está à frente que é para aparecer também no espelho, por isso é que o homem está à frente do espelho e por isso é que o homem aparece reflectido no espelho.” IND 8 (Masculino). Esta coincidência processual, preconizada pela mesma criança-participante, evidencia a qualidade primária e emergente dos conceitos abordados nestes dois momentos, ou seja, a denúncia do que se destaca num primeiro olhar: a presença do espelho e do seu reflexo nas relações que se estabelecem entre os vários elementos que constituem a obra, mais, acentua a carácter de uma estruturação focada, própria de uma associação directa à leitura da obra que se revela na necessidade teórica de sistematizar a descrição dos elementos constituintes da obra e que aqui se destaca por formalizar uma **Representação diferente** “Acho que isto é uma maneira diferente de representar [uma assembleia].” IND 1 (Masculino), com significação específica “Eu sei que é a Assembleia de Euclides mas não acho que seja uma assembleia tipo, uma reunião. Eu acho que estão a utilizar a assembleia como uma maneira de explicar.” IND 6 (Masculino).

Assim, esta forma de *representação diferente* procura *explicar* o conceito de representatividade da assembleia que se constitui através da presença ou representatividade de **Várias pessoas** Ex: “(...) o espelho está ali porque reflecte as outras três personagens, o boneco está à frente que é para aparecer também no espelho. Por isso é que o homem está à frente do espelho e por isso é que o homem aparece reflectido no espelho.” IND 8 (Masculino); do modo como o *espelho* nos permite aceder a diferentes estados de alma ou **Sentimentos** Ex: “(...) também pode querer dizer que aquele homem, que tem aqueles traços, pode querer dizer que tem feridas. Normalmente quando nós temos feridas estamos a sofrer alguma coisa, fisicamente. E aquilo é o feliz e o zangado e então acho que quer dizer a maneira de como podemos estar: os sentimentos.” IND 1 (Masculino); e

ainda, a consideração de uma possível **Ligação** entre os vários elementos que constituem a obra Ex: “Pode querer dizer que pode haver também uma relação entre aquela figura e as duas caras. Pode haver uma ligação entre elas.” IND 9 (Masculino).

No que diz respeito a possíveis intersecções (Figura 10) verifica-se a ligação interna que associa a da subcategoria **1. Será que o espelho cria a Assembleia?** à subcategoria **Várias pessoas** e ligações externas à subcategoria **Espelho** e **Reflecte várias pessoas** que denuncia, através da dupla-categorização, a concordância conceptual focada pela subcategoria **4. Quem vê o quê?**.

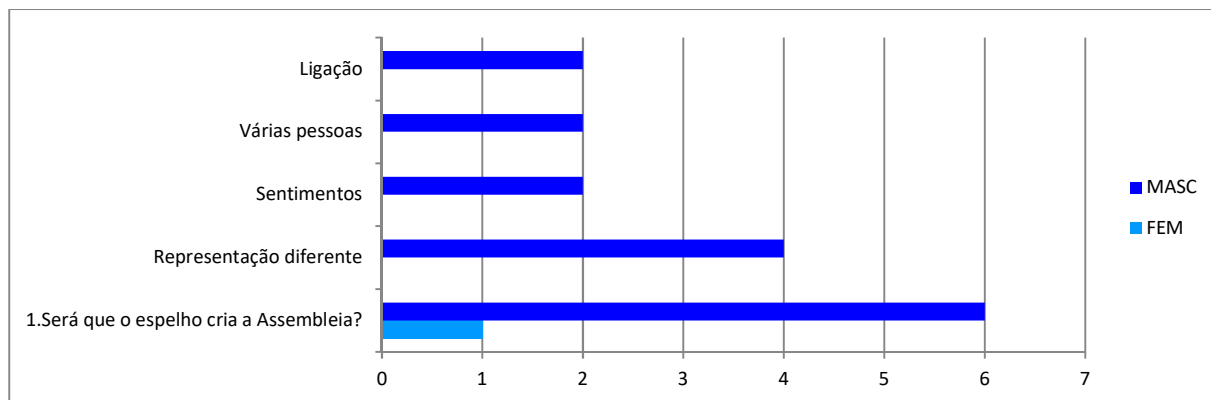


Tabela 8 – 1. Será que o espelho cria a Assembleia?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta, na sua quase integralidade, a questão **1. Será que o espelho cria a Assembleia?** (Tabela 8) com uma forte relevância para o género masculino e diminuta para o género feminino.

Assim, a questão **1. Será que o espelho cria a Assembleia?** apresenta uma intensidade de relevância discursiva elevada para o género masculino e diminuta para o género feminino e que, por sua vez se estende à subcategoria **Representação diferente** com um grau de relevância médio-alto apenas para o género masculino. Esta última compreende ainda as subcategorias **Várias pessoas**, **Sentimentos** e **Ligação** com graus de relevância médio-baixos apenas para o género masculino.

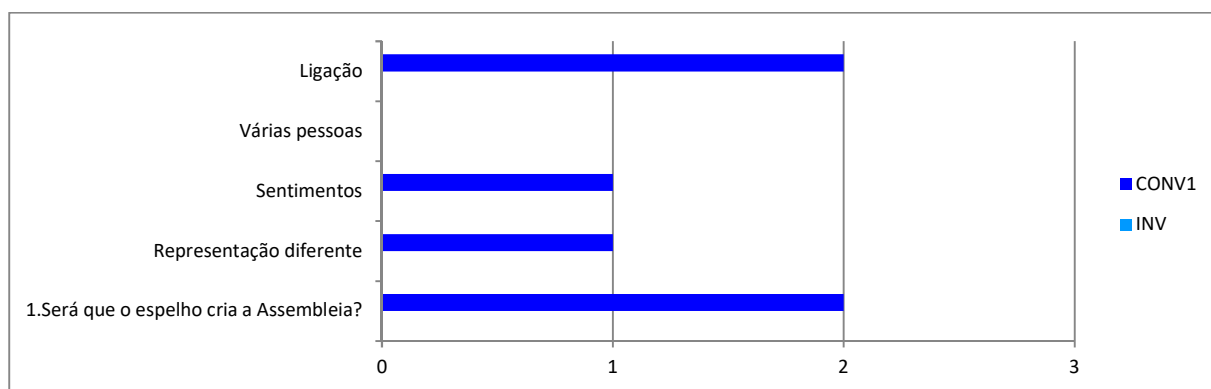


Tabela 9 – 1. Será que o espelho cria a Assembleia?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** (Tabela 9) apresenta uma intervenção diminuta e apenas referem intervenções do CONV1 o que sinaliza a parca necessidade de moderação para a organização e formação dos conceitos evidenciados.

De facto, a fraca intensidade de relevância para esta **1ª Questão** não comprometeu o domínio da teoria associada à questão original. Na mediada do estritamente necessário, observa como a pertinência das intervenções do CONV1, que surgiram como mediadoras de uma melhor compreensão dos conceitos em formação, na medida em que: focaram e sustentaram conteúdos inerentes à própria questão “Porque é que isso terá sido? Vamos supor: se esta percepção do IND 8 estiver correcta, porque será que é o espelho que cria a assembleia? Haverá alguma intenção? O que é que isto poderá querer dizer? Nós temos acesso a uma assembleia, que é um conjunto de criaturas ou entes, não através do contacto directo com esses entes mas através do reflexo, seu reflexo no espelho. O que é que isto pode querer dizer? Se esta percepção do IND 8 estiver correcta.”; incitaram por intervenções mais assertivas “Sim, mas porque é que essa relação tem de ser mediada, tem de ter um meio que é o espelho e não é uma coisa directa? Pode ser intencional, ou não?; e organizaram e devolveram os conteúdos abordados num formato mais adequado ao entendimento colectivo “Vamos ver só se percebi. Se bem entendi o IND6, aquelas duas figuras lá ao fundo podem ser expressões desta que aqui está ao espelho. É isso?”.

2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?

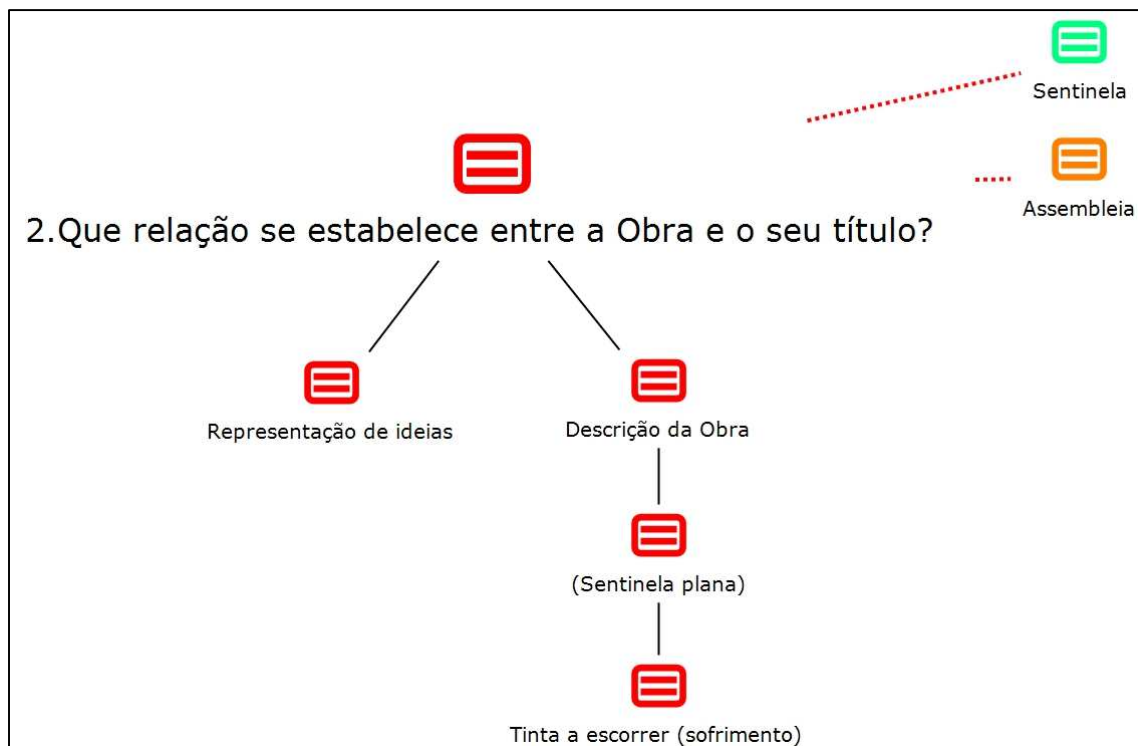


Figura 11 – 2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?
(Diagrama)

A questão **2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?** (Figura 11) apresenta uma estrutura entroncada e pouco expandida. Trata-se de uma questão que estrutura uma primeira valorização manifestamente descritiva, isto é, a natureza descritiva dos conteúdos revelados pelas intervenções das crianças-participantes evoluiu em consistência conceptual no decorrer da **Discussão** e no que esta obrigou a verificar nesse contínuo reencontro com a obra. Assim, pode-se afirmar que se reconhece três momentos na constituição e evolução desta valorização descritiva: o primeiro momento (**2ª Questão**) manifesta-se precisamente com o intuito de descrever as ligações simbólicas dos elementos constituintes da obra que assistem à relação

desta com o seu título, tendo em conta que os elementos dialogam através da sua forma e o título através da sua significação; o segundo momento (**3ª Questão**) observa exclusivamente a identificação simbólica de cada um desses elementos constituintes da obra, ou seja, o foco descritivo permanece na identificação simbólica das partes que constituem a obra; o terceiro momento (**4ª Questão**) descreve a função atribuída de cada um dos elementos e que identifica as relações que estabelecem entre si, isto é, observa e descreve as várias funções que operam na dinâmica interna da obra.

Assim, a **2ª Questão** reconhece do seu domínio ideológico - a **Representação de ideias** Ex: “Acho que cada figura quer representar alguma coisa, não sei bem o quê, já tentei ver isso. Mas não acho bem, que uma das caras tenha uma cara zangada, acho que tem mais uma cara séria, a outra está feliz e o boneco é que não percebi bem. Eu acho que o espelho, como só do ponto de vista das caras se vê o boneco e do ponto de vista boneco é que se vê as caras, mas a partir daqui, ao olhar para o espelho, vê-se os dois, acho que podia ser como se fosse as ideias... As ideias da Assembleia!” IND 8 (Masculino); e ainda, assume o processo de **Descrição da obra** vinculando-se às questões da **Agenda da Discussão** Ex: “Qual é que é a ligação desta casa com aquele homem reflectido no espelho?” IND1 (Masculino), que se arroga vinculado ao elemento identificado no subtítulo da obra como (**Sentinela Plana**) que por sua vez é descrito formalmente mediante uma significação subjectiva de carácter simbólico **Tinta a escorrer (sofrimento)** Ex: “ (...) aquela figura também parece que está de alguma forma a sofrer, porque a tinta está [escorrida].” IND1 (Masculino) e que é reforçada ainda pelo comentário “Parece que tem um problema.” IND1 (Masculino).

No que diz respeito a possíveis intersecções (Figura 11) verificam-se registos de ligações externas às subcategorias **Assembleia** (**3ª Questão**) e **Sentinela** (**4ª Questão**) que sustentam o acima exposto sobre o reconhecimento de três momentos na constituição e evolução da valorização descritiva nesta **Discussão**.

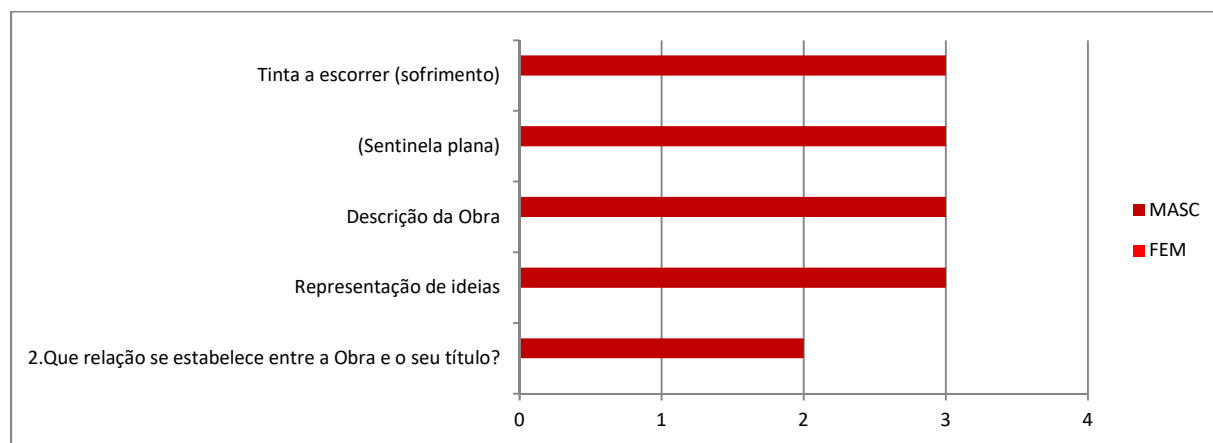


Tabela 10 – 2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?
(ARDG -- Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?** (Tabela 10) apresenta, na sua generalidade, uma fraca intensidade de relevância discursiva para género masculino e inexistente para o género feminino, sendo que o grau de relevância observado mantém-se praticamente idêntico em todas as subcategorias.

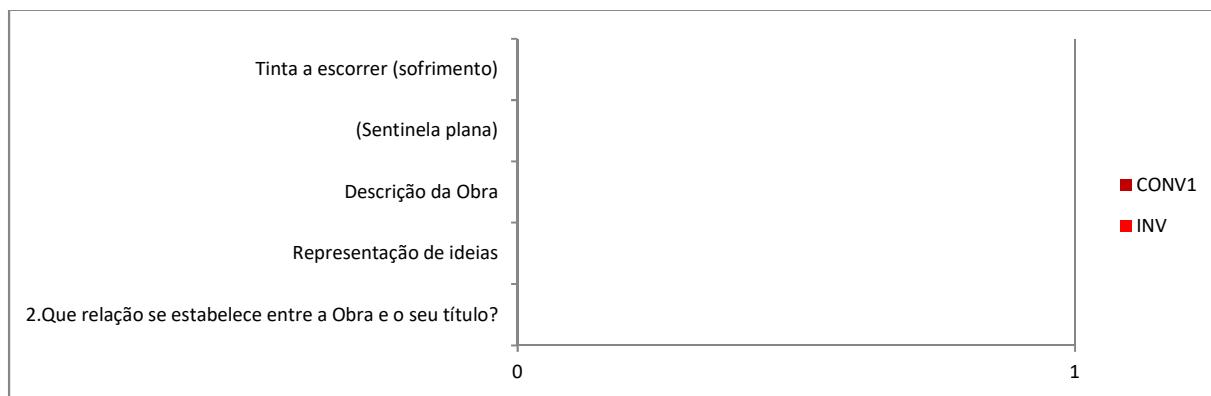


Tabela 11 – 2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?
(ARDG -- Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **2. Que relação se estabelece entre a obra e o contexto envolvente?** (Tabela 11) não assinala qualquer relevância uma vez que não houve necessidade de moderação para a organização e formação dos conceitos evidenciados.

3. Que relação se estabelece entre as figuras?

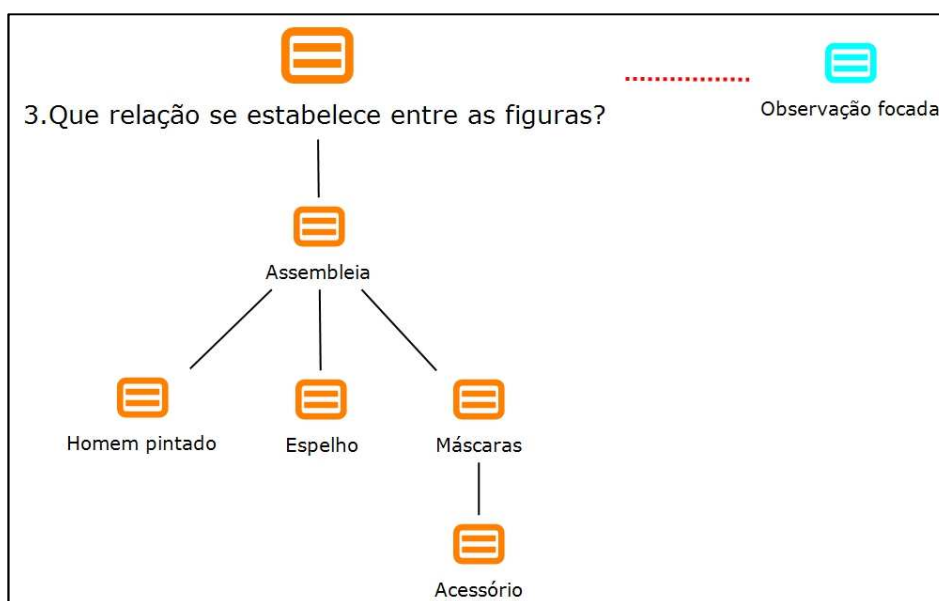


Figura 12 – 3. Que relação se estabelece entre as figuras?
(Diagrama)

A questão **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** (Figura 12) apresenta uma estrutura entroncada e pouco expandida, e ainda, estabelece a identificação simbólica de cada um desses elementos constituintes da obra.

As ideias ou conceitos que estruturam a **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** são anunciados, inicialmente, na **Agenda da Discussão** Ex: “O que simbolizam as personagens ali do lado?” IND 10 (Masculino) e, posteriormente, no decorrer da discussão quando se procura reconhecer o sentido simbólico das relações estabelecidas entre os vários elementos que constituem a obra e ainda, a importância destas relações para o reconhecimento da obra total.

Assim, a **3.ª Questão** foca-se no seu tema principal – a **Assembleia**, que se entende como “ (...) um conjunto de pessoas juntas.” IND 8 (Masculino) que se projecta na *ideia de conjunto* através da observação de alguns elementos que constituem a obra e que suscitaram alguma relevância argumentativa, seja, o **Homem pintado** que poderá ser observado como a figura de Euclides propositadamente colocado em frente ao *espelho* de modo a poder observar o seu estado de espírito Ex: “ (...) ele está a olhar para o espelho e a dizer: Como é que eu estou hoje? Estou feliz ou estou zangado?” IND 1 (Masculino); seja o **Espelho** que unifica em si as partes na medida em que tudo se remete e é devolvido pelo seu reflexo enquanto, simultaneamente, permite que se estabeleça a ligação ou extensão de cada parte em direcção ao outro, Ex: “ (...) eu acho que o espelho o que está a fazer é tipo: a figura está a olhar-se ao espelho e as duas caras podem ser o lado feliz da figura e o lado triste da figura, e quando ele se vê ao espelho em vez de se ver só a ele vê também as duas partes.” IND 6 (Masculino), e essa ligação é necessária uma vez que “ (...) o boneco não tem rosto, e os outros é exactamente ao contrário, só têm um rosto.” IND 8 (Masculino), de facto, o *espelho* simboliza o conceito de *assembleia* Ex: “ (...) como o espelho vê tudo é como se o espelho tivesse concentrado toda a gente. Por isso, é como se fosse uma assembleia, um conjunto de pessoas juntas.” IND 8 (Masculino); sejam as **Máscaras** cuja configuração evoca ou “ (...) simboliza pessoas empaladas!” IND 1 (Masculino), porém, ao ser observada a sua condição de *máscaras* “aqueles dois bonecos podem simbolizar os rostos da pessoa.” IND 1 (Masculino), ou ainda, “[As duas figuras lá ao fundo podem ser expressões de]...Uma consciência [a do homem pintado].” CONV1 e IND 6 (Masculino). Estes elementos constituintes da obra que foram identificados como **Máscaras** revelaram a urgência de inquirir sobre o modo como operam num outro sentido conceptual ou contextual enquanto **Acessório decorativo** necessário para *disfarçar* “A tua cara!” IND 2 (Masculino).

No que diz respeito a possíveis intersecções (Figura 12) verifica a ligação externa à subcategoria **Observação focada (5ª Questão)**.

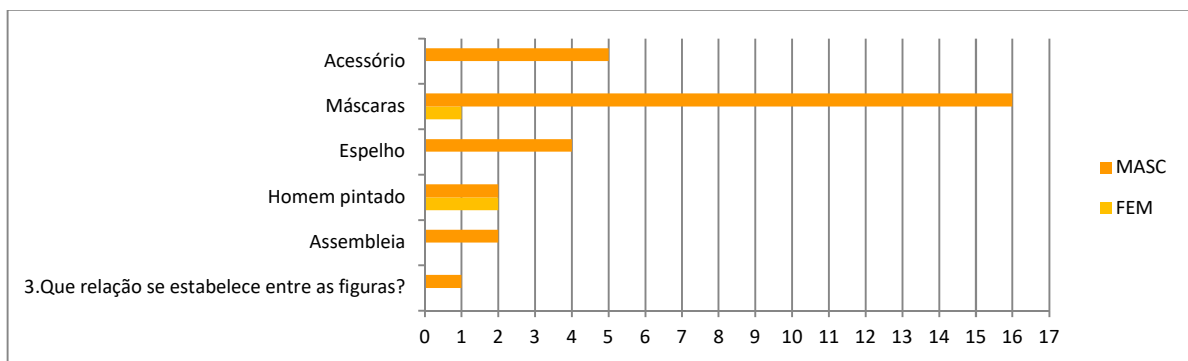


Tabela 12 – 3. Que relação se estabelece entre as figuras?
(ARDG -- Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **3.ª Que relação se estabelece entre as figuras?** (Tabela 12) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e uma relevância diminuta para o género feminino.

Neste contexto afigura-se, ainda, uma forte incidência na relevância de conteúdos da subcategoria **Máscaras** para o género masculino que contrasta com o grau de relevância baixo ou diminuto para todas as outras subcategorias que constituem o corpo conceptual da **3ª Questão**.

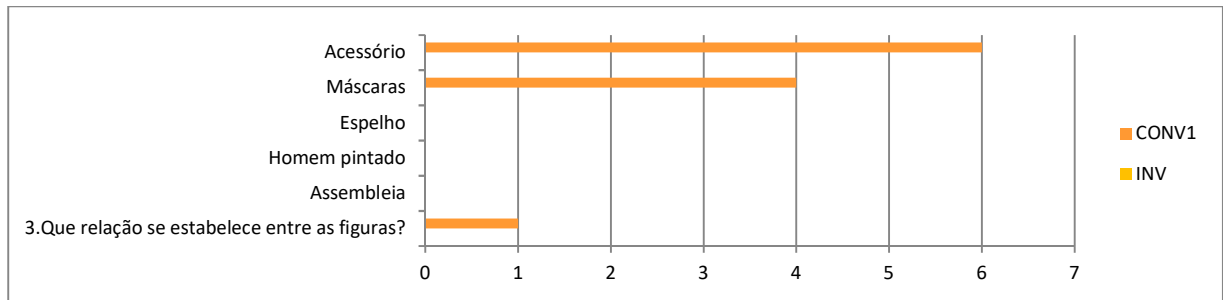


Tabela 13 – 3. Que relação se estabelece entre as figuras?
(ARDG -- Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** (Tabela 13) apresenta uma intensidade algo acentuada para as intervenções apenas do CONV1.

A propósito da construção conceptual que procura promover o sentido simbólico das **Máscaras** observa-se o CONV1 a auxiliar argumentações mais teorizadas quando lança para a **Discussão** questões focadas como “E o que é uma máscara?”, “Para que serve uma máscara?” ou ainda, “Com que objectivo? O que é que exprime uma máscara? Pode ser um suporte para disfarçar, para disfarçar o quê?” para, posteriormente, remeter o conceito abordado para a sua relação simbólica essencial à leitura da obra “E qual é então a função das máscaras aqui nesta peça?”.

As intervenções do CONV1 acompanham em perfeita simbiose a intenção argumentativa inerente às intervenções das crianças-participantes, nas quais podemos agora incluir as intervenções do IND 2 que se inaugurou nesta Sessão e para esta questão despojado das suas anteriores inibições.

4. Quem vê o quê?

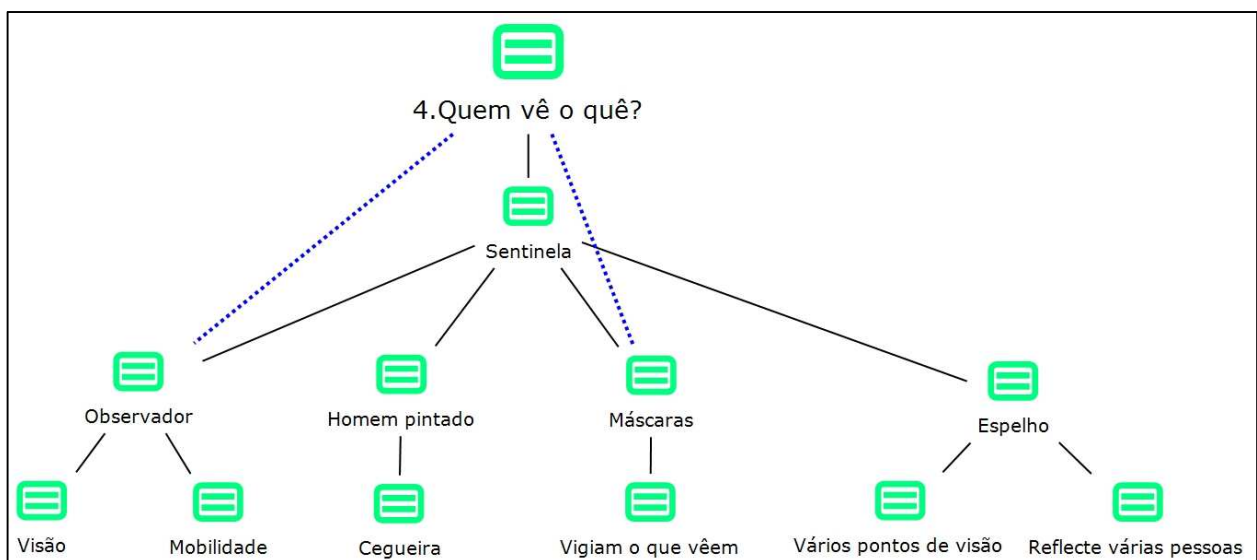


Figura 13 – 4. Quem vê o quê?
(Diagrama)

A questão **4. Quem vê o quê?** (Figura 13) apresenta uma estrutura linear alargada e relativamente entroncada e, tal como havia sido referido anteriormente, constitui-se através da observação e descrição das várias funções que operam na dinâmica interna da obra.

De facto, a estruturação da **4. Questão** advém da necessidade de observar no título da obra o seu foco secundário, isto é, a ideia de *sentinela*. Esta abordagem solicitou, numa primeira fase, a menção directa à sua função Ex: “A peça tem dois títulos é: Assembleia de Euclides e Sentinela Plana... Sentinela é que está vigiar.” IND 6 (Masculino) e, posteriormente, as qualidades argumentativas de carácter funcional que emergem nesta fase da **Discussão** e que se condensam na questão formulada pela INV “Quem vê o quê?”.

Assim, a **4. Questão** foca-se no seu tema secundário – **Sentinela**, que é concebido como aquela que *vigia tudo* e que, enquanto conceito funcional deverá ser praticável não só teoricamente como também no processo permanente de retorno à obra Ex: “Eu tenho mais uma ideia mas é mais sobre o que cada um vê. As máscaras só nos vêem a nós e ao espelho. A pessoa vê-se a si própria ao espelho. Não, as máscaras, acho que só vêem o espelho, se não me engano...” IND 6 (Masculino).

Assim, a função de *sentinela vigilante* é observada e argumentada tendo em consideração os vários elementos que constituem ou interagem com a obra, tais como: o **Observador**, que preenche a condição na qual as crianças-participantes se autodefinem Ex: “ (...) somos nós, a sentinela!” IND 1 (Masculino) e que respeita a condição *daqueles que conseguem ver*, mas que não cumpre a condição formal Ex: “Mas nós não somos planos!”, mais, na medida em que a **Visão** é considerada como uma competência activa que se desloca e regista as relações dinâmicas entre elementos Ex: “Eu consigo ver o espelho.” IND 1 (Masculino), a mesma é conjugada com a **Mobilidade** constante Ex: “Sim, sim, eu andei a ver... e a partir do espelho dá para ver as máscaras, o boneco e a nós! IND 8 (Masculino); o **Homem pintado**, designação que referência a *figura pintada* sobre o vidro que se encontra colocada de frente para o espelho, de modo a que se observe reflectida no mesmo e que, perante a hipótese de lhe caber essa função de *sentinela*, constata-se que essa mesma figura pintada “Só consegue ver a ela própria!” IND 9 (Masculino), mais, a capacidade de visão impede a sustentabilidade da função de sentinela uma vez que “A visão de certeza que não é esta porque esta não tem olhos (...).” IND 2 (Masculino), ou seja, sofre de **Cegueira**; as **Máscaras** que, tal como o *observador, conseguem ver*, “ (...) podem ser as sentinelas deste espaço (...).”, na medida em que **Vigiam o que vêem** Ex: “[As máscaras vigiam ou guardam] a área que elas vêem!” IND 11 (Feminino); o **Espelho** cumpre simultaneamente propósito de simbolizar a *assembleia* (**3ª Questão**) e de servir a função de *sentinela* através da sua qualidade reflexiva Ex: “Eu acho que o espelho que está ali... mas quem está cá fora só consegue ver os dois mas eles não conseguem se ver um ao outro, ou seja, o espelho serve para nós os vigiarmos e para eles se baralharem!” IND 6 (Masculino) ou Ex: “Sentinela, pode ser porque o espelho, por exemplo, do ponto de vista dali de trás, vê-nos a nós, vê-se o boneco e vê-se as outras personagens lá atrás, por isso, pode ser porque vê todos e toma conta de tudo... e é plano.” IND 10 (Masculino), assim, o *espelho* pode assumir **Vários pontos de vista** Ex: “Acho que é exactamente o espelho essa sentinela porque acho é o único que consegue ver todos os pontos [de vista].” IND 8 (Masculino) enquanto **Reflecte várias pessoas** “Eu acho que é o espelho porque dependendo do ponto de vista pode-se ver de várias visões: se estamos ali ao pé das figuras vimo-nos a nós, connosco vimos as figuras e as personagens e do espelho vê-se tudo! Dependendo do ponto de vista onde estamos vemos diferentes coisas.” IND 8 (Masculino).

No que diz respeito a possíveis intersecções (Figura 13) verificam-se registos de ligações internas.

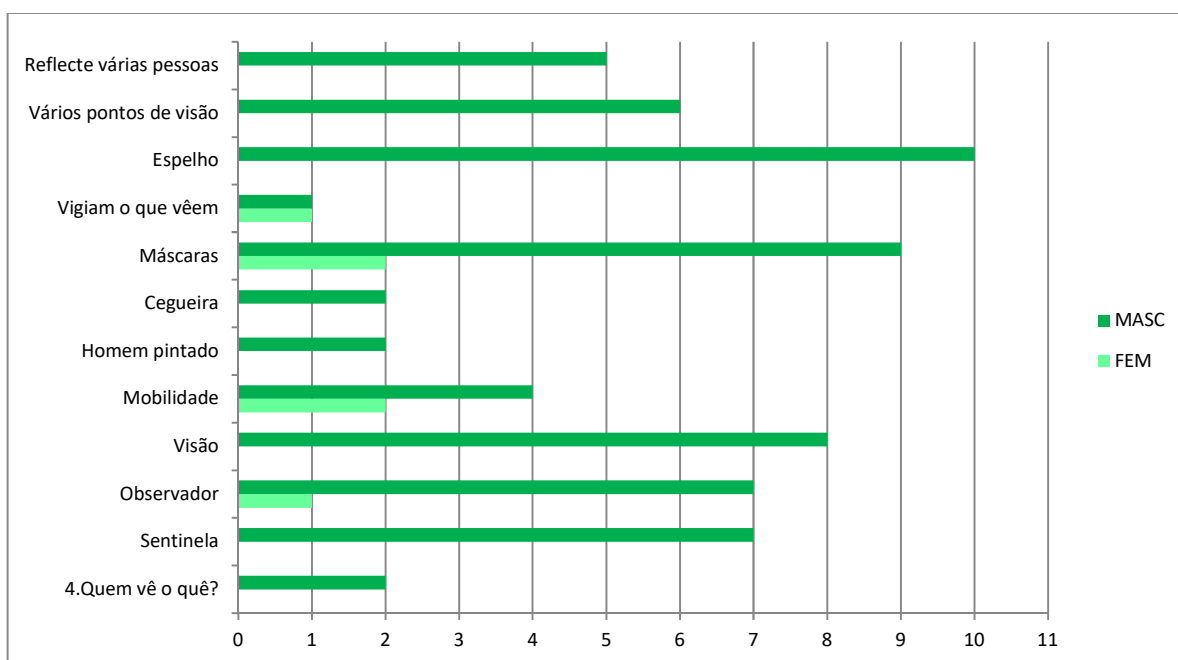


Tabela 14 – 4. Quem vê o quê?
(ARDG -- Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **4. Quem vê o quê?** (Tabela 14) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e diminuta para o género feminino.

Assim, a questão **4. Quem vê o quê?** anuncia um grau de relevância baixa e apenas para o género masculino, porém, estende-se ainda à subcategoria **Sentinela** com um grau de relevância alto e apenas para o género masculino e que se constitui ainda pelas subcategorias:

- **Observador** que apresenta um grau de relevância alto para o género masculino e diminuto para o género feminino;
 - **Visão** com um grau de relevância alto apenas para o género masculino;
 - **Mobilidade** com um grau de relevância médio o género masculino e diminuto para o género feminino;
- **Homem pintado** que apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino;
 - **Cegueira** com um grau de relevância diminuto apenas para o género masculino;
- **Máscaras** que apresenta um grau de relevância baixo para o género masculino
 - **Vigiam o que vêem** com um grau de relevância diminuto para ambos os géneros;
- **Espelho** que apresenta um grau de relevância elevado apenas para o género masculino
 - **Vários pontos de vista** com um grau de relevância médio apenas para o género masculino;
 - **Reflecte várias pessoas** com um grau de relevância médio apenas para o género masculino.

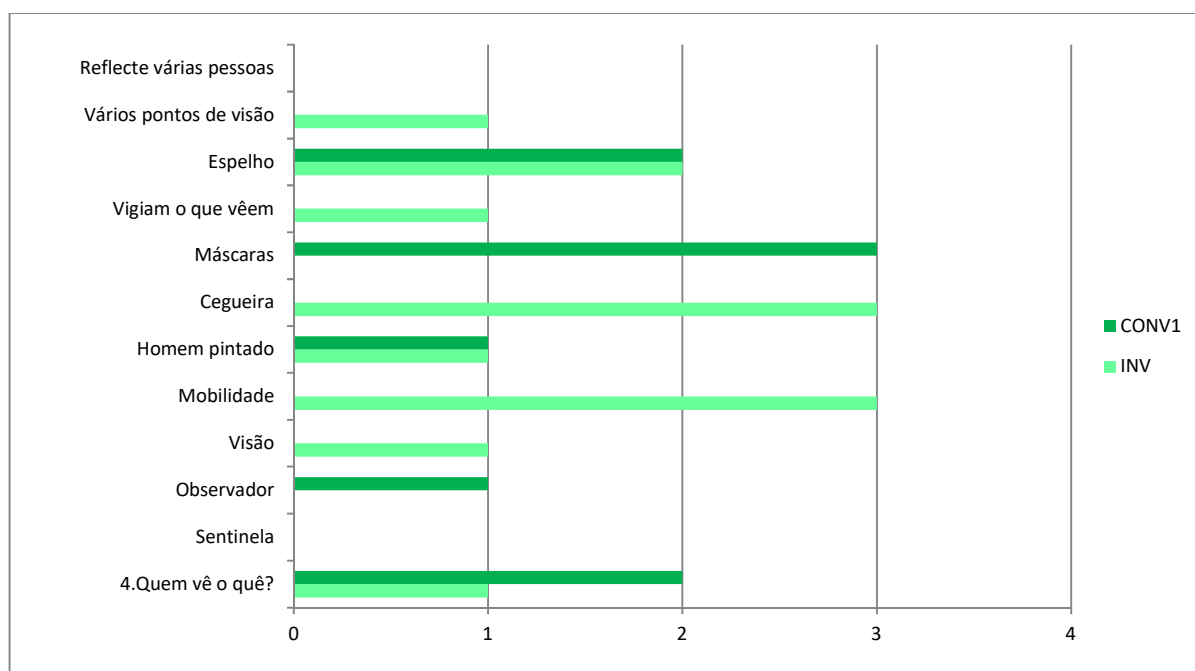


Tabela 15 – 4. Quem vê o quê?
(ARDG – Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **4. Quem vê o quê?** (Tabela 15) apresenta uma intensidade de relevância generalizada, mais acentuada para ambos os facilitadores.

Assim, a **4ª Questão** apresenta uma relevância partilhada que denuncia o entendimento partilhado de uma objectividade assertiva e bem fundamentada, sendo que, a INV formula a própria questão “Quem vê o quê?” e o CONV1 sintetiza as diferentes abordagens apresentadas Ex: “São muitas hipóteses diferentes. O que é que cada uma delas implica? Vamos pensar. Se fosse de uma maneira o que poderá significar, se for doutra que significado terá, e se for da terceira que significado poderá ter?”.

A ideia de **Mobilidade** foi observada com alguma relevância pela INV Ex: “Porque se tu mudares de lugar... já andaste tanto por aí, se mudas desse sítio ficas também a ver como cada uma destas peças!” ou Ex: “Então foste confirmar essa teoria?”; tal como relevância da incapacidade de visão ou **Cegueira** Ex: “E depois tu disseste que os cegos não se vêem ao espelho...”.

O conceito de **Máscaras** foi fundamental para as intervenções solicitadas à IND 11 e que o CONV1 auxiliou de modo a proteger uma eventual fragilidade argumentativa, que de facto não ocorreu Ex: “A [IND 11] podia dar agora aqui um contributo. Aqui, nesta peça, qual será a função das máscaras?” e ainda, Ex: “Porquê? O que é que achas que elas estarão a guardar ou a vigiar?”

O **Espelho**, identificado como elemento constituinte da obra, oferece, para na dinâmica das intervenções, um leque alargado de condições para a moderação seja esta relacionada com comentários que sublinham observações pertinentes Ex: “Então, a sentinela para o [IND2] é o espelho que dá conta de tudo!” CONV1, seja por instigar a observações mais incisivas “Agora digam-me uma coisa, vocês que estão aí desse lado, o espelho consegue vigiar-vos de onde a onde? INV

A dinâmica de moderação partilhada pelos dois facilitadores da **4ª Questão** foi tão acentuada e rica quanto foi o valioso contributo das intervenções das crianças-participantes, que nesta temática, compreendeu a participação de todos os elementos.

5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?

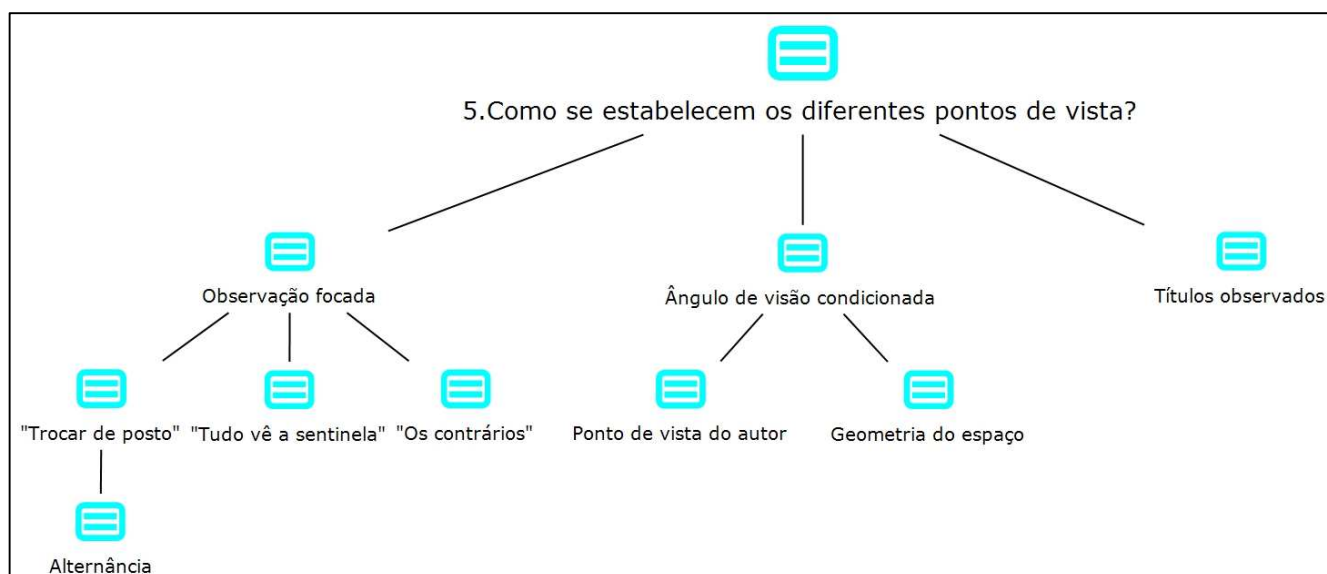


Figura 14 – 5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?
(Diagrama)

A questão 5. **Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?** (Figura 14) apresenta uma estrutura linear relativamente entroncada e, tal como havia sido referido anteriormente, emerge dos seus vários movimentos da criança-observadora em direção à obra.

De facto, as circunstâncias comportamentais que motivaram e sustentaram as intervenções confessam uma **Observação focada** e isto porque Ex: “[A visão está condicionada] Pelo ângulo de visão.” IND 6 (Masculino) que ressaltou aspectos teóricos pertinentes: **“Trocar de posto”** refere-se à constatação de uma visão que se foca na **Alternância** como um jogo lúdico mas crítico que observou a possibilidade de alternância de lugar Ex: “Eu acho que o espelho é, imagino, quando alguém se quer ver ao espelho e não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver são aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós! É tipo, trocar de posto!” IND 1 (Masculino); **“Tudo vê a sentinela”** que observa como qualquer elemento presente na experimentação da obra, ao qualificar-se de *sentinela* permite-se a observar tudo, porém, nenhum destes elementos consegue observar-se a si mesmo, ou seja, não é permitido à sentinela observar-se a si mesma, pelo que emerge este sentido invertido de que todos os elementos observam a *sentinela* à excepção da própria *sentinela* Ex: “ (...) eu acho que se calhar a coisa da sentinela é uma coisa invertida, em vez de ser a sentinela que vê tudo, tudo vê a sentinela. Porque no espelho nós podemos estar aqui, vemos tudo mas não nos vemos a nós, a máscara está ali, vê algumas coisas mas se vêem a elas, na verdade todos os pontos se vêem no espelho. Se calhar a sentinela em vez de ser a sentinela que vê tudo é o tudo que vê a sentinela.” IND 6 (Masculino); **“Os contrários”** observa as qualidades reflectoras dos suportes planos e refere-as como condição antagónica Ex: “ (...) Então é como se fosse o contrário: o espelho reflecte mas o vidro basicamente não reflecte e ainda para mais está pintado, então é como se fossem basicamente o contrário um do outro... Um é um espelho o outro é um vidro e como o vidro, ainda para mais, está pintado ainda reflecte menos. Por isso, acho que pode ser também os contrários.” IND 8 (Masculino).

A 5ª questão afere ainda um carácter mais pragmático daquilo que foi considerado como **Ângulo de visão condicionada** que

emerge de uma observação mais empática cumprida pelas crianças-participantes quando se colocaram no lugar do outro que é elemento constituinte da obra Ex: “A conclusão que tiras disso tudo é qual? Qual é a ideia que retiras desses ângulos que andaste a medir?” CONV1, e que as remeteu para o **Ponto de vista do autor** aquando da execução da obra Ex: “Como é que o senhor que fez esta obra sabia exactamente onde pôr o espelho, a inclinação, estas canas e as máscaras?” IND 1 (Masculino), e que promoveu a resposta imediata “Estudou o assunto... Por tentativa e erro! Foi vendo os ângulos de visão até chegar a uma conclusão.” IND 5 (Masculino), e a provocação empática que certificou toda a Sessão “Se calhar andou a fazer como vocês andaram a fazer durante nesta toda sessão... só que vocês não podiam tocar em nada e ele podia tocar em tudo!” INV e que surtiu de imediato o comentário (colectivo) “Pois, grande sorte!”; este carácter pragmático obedece, contudo, a regras delimitadas por uma **Geometria do espaço** que compõe não só a obra mas o espaço que a obra exhibe Ex: “Geometria... Se continuarmos isto dava um triângulo...” IND 10 (Masculino).

A **Discussão** termina com o registo aleatório de **Títulos observados** pelas crianças-participantes solicitados pelo CONV1 “Então se cada um de vocês tivesse de dar um título diferente a esta instalação sem referir nem Sentinela Plana nem Assembleia de Euclides, que nomes dariam a uma instalação como esta?”, e cujas propostas assinalam a condensação dos conceitos abordados Ex: “O ponto de vista” IND 8 (Masculino) ou “Cabana vigilante” IND 7 (Feminino).

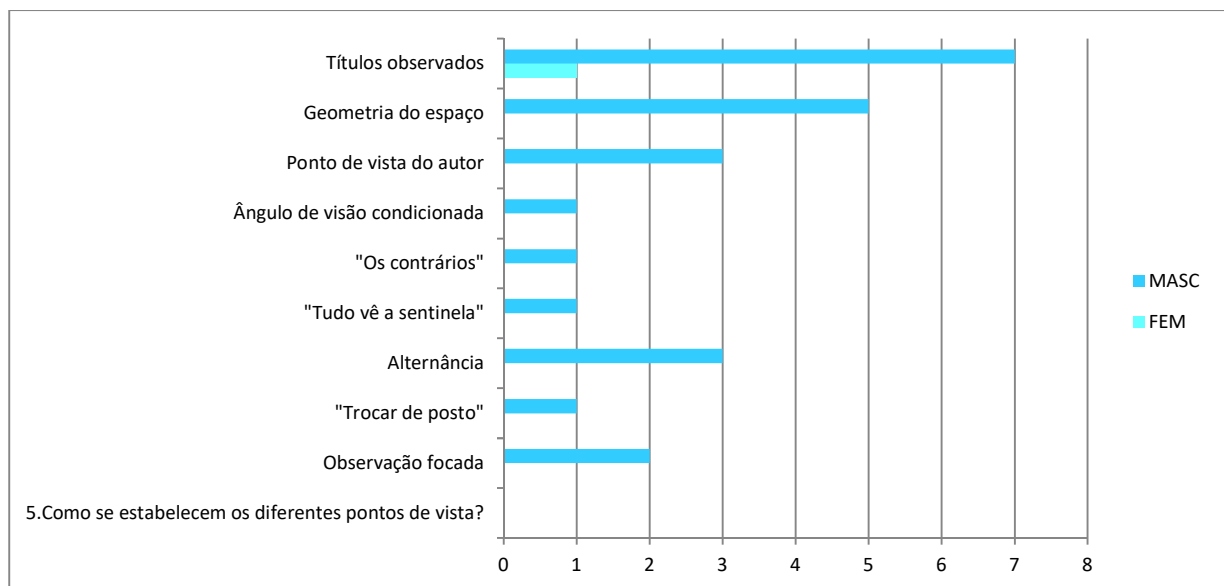


Tabela 16 – 5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?
(ARDG -- Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?** (Tabela 16) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e diminuta para o género feminino. Assim, a questão **5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?**

Observação focada que apresenta um grau de relevância baixo e apenas para o género masculino, mas que é ainda constituída pelas subcategorias

- “**Trocar de posto**” com um grau de relevância diminuto que se estende à subcategoria **Alternância** um grau de relevância baixo, ambas apenas para o género masculino;
- “**Tudo vê a sentinela**” com um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino;

- “Os contrários” com um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino;

Ângulo de visão condicionada que apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino, mas que é ainda constituída pelas subcategorias:

- **Ponto de vista do autor** com um grau de relevância médio e apenas para o género masculino;

- **Geometria do espaço** com um grau de relevância médio-alto e apenas para o género masculino

Títulos observados que apresenta um grau de relevância elevado para o género masculino e diminuto para o género feminino.

Na ARDG (Crianças-participantes) da 5ª Questão, para a subcategoria **Observação focada** (“Trocar de posto”, “Tudo vê a sentinela” e “Os contrários”), as incidências sinalizadas de grau diminuto, reflectem apenas a pertinência dos conteúdos teóricos revelados pelas circunstâncias comportamentais e que são sinalizados por intervenções singulares, fechadas, não dissecadas ou sujeitas à dupla-categorização.

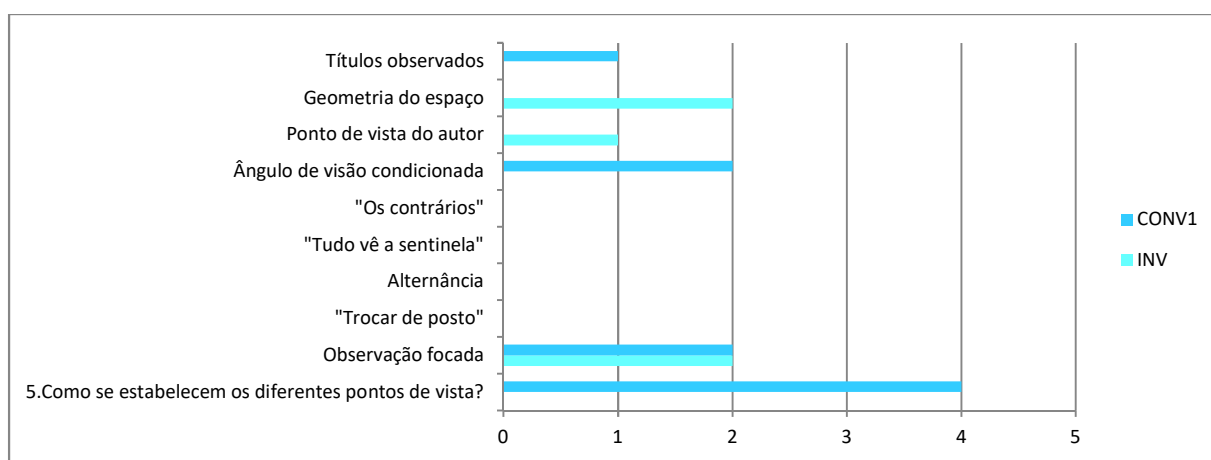


Tabela 17 – 5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?
(ARDG – Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?** (Tabela 17) revela uma maior incidência para as intervenções do CONVI1 comparativamente às sinalizadas para a INV, no entanto, acusa uma moderação partilhada e mesmo, aberta a intervenções singulares.

Assim, a **5ª Questão** apresenta-se uma forte intervenção do CONVI1 que procura manter os conteúdos da questão evidenciados numa *observação focada*, pelo que instiga por intervenções estruturadas e assertivas que assegurem a possível relação entre a mobilidade em relação à obra e a teorização dessa mesma dinamização Ex: “A conclusão que tiras disso tudo é qual? Qual é a ideia que retiras desses ângulos que andaste a medir?” ou Ex: “Todos ouviram o que o IND1 estava a dizer? O IND1 estava a dizer que só temos acesso ao que se passa em determinados pontos tem a ver com a necessidade de quando estamos: sérios, contentes, feridos ou animados, termos necessidade de perceber, o que simboliza, temos a necessidade de percebermos o que se passa connosco. Ou seja, é como se nós tivéssemos que assumirmos um ponto de vista para percebermos o que se passa connosco. Foi mais ou menos esta a ideia. E eu queria saber o que é que o IND10 tem a dizer sobre isto, porque foste o primeiro a falar da importância do lugar, do olhar.”. Tal como havia sido referido, as intervenções que serviram à moderação desta questão operam de modo singular pelo que, para a mesmo tema as intervenções da INV pretenderam acompanhar a dinâmica

comportamental em direcção à obra Ex: “... Só damos conta disto [alternância de lugares] porque estamos precisamente nesse lugar.”

As intervenções do CONV1, para a subcategoria **Ângulo de visão condicionada**, revestem-se de alguma pertinência operativa na medida em que lhe oferece a denominação e aclara intervenção do IND 6 Ex: “E a visão está, então, condicionada por quê?”, bem como, para a subcategoria **Títulos observados** uma vez que foi o próprio que sugeriu e suscitou o registo aleatório de possíveis títulos para a obra alvejada.

As intervenções da INV para a subcategoria **Ponto de vista do autor** revestiram-se da empatia lúdica que temperou os conteúdos da **Discussão** Ex: “Se calhar andou a fazer como vocês andaram a fazer durante nesta toda sessão... só que vocês não podiam tocar em nada e ele podia tocar em tudo!” e a subcategoria **Geometria do espaço** adveio da sua intervenção descritiva que se projectou num ultimo olhar das crianças-participantes em direcção à obra Ex: “E dentro dessas três paredes cada uma delas tem dois elementos: o espelho e o vidro aqui e os dois sentinelas. Para cada três paredes há dois elementos.”

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para a AERV desta Sessão adaptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação, e que foi anteriormente objectivado e delineado no R1A.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; desses comportamentos físicos com as obras previamente seleccionadas; e ainda, a associação dos comportamentos físicos aos momentos e à qualidade dos discursos dos intervenientes.

Assim, a AERV mantém-se organizada de acordo com dois momentos específicos: 1º Momento refere-se aos comportamentos referentes ao momento em que as crianças-participantes entraram em contacto com o espaço onde as obras estavam expostas e a observação directa das mesmas; o 2º Momento refere-se aos registos comportamentais durante o decorrer da própria Sessão.

Análise etnográfica do registo de vídeo

Tempo	Categoria	Acção	Contextualização	Observação
1º Momento		Entrada no espaço onde as obras estão localizadas	Posicionamento da câmara e das crianças-participantes em posição de meia-lua defronte para as obras seleccionadas CONV1 esclarece quem foi Euclides	Apropriação do espaço CONV1 Enquadramento histórico Dinâmica comportamental: IND1 intervenções orais agitadas
			(conversas cruzadas)	
00:50	Leitura da obra	Leitura da obra Preparação de registo da sessão	IND8 inscreve-se (dedo no ar) INV verifica sistema MP4 e confirma se este está a gravar CONV1 regista questões em folha de papel	Dinâmica comportamental: Olhares atentos e respeitadores Comportamentos atentos (aguardam organização de equipamentos)
01:44 02:25	Agenda da Discussão	Início da 11ª Sessão A Registo de questões e leitura das mesmas	INV entrega MP4 a IND8 IND 8 intervém IND6, IND9 e IND11 inscrevem-se na discussão (dedo no ar) IND 8 pergunta se outra obra está incluída na Discussão IND10 intervém e passa MP4 a IND6 IND 11 intervém	Dinâmica comportamental: Comportamentos atentos, observadores e expectantes
			(conversas cruzadas)	
03:52 04:50 06:05 07:05 08:00			IND1 intervém, CONV1 clarifica questão colocada por IND1 IND2 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND8 pede para se aproximar da obra, IND6, IND5 e IND10, juntam-se-lhe. CONV1 solicita por mais questões IND5 intervém CONV1 clarifica questão colocada por IND5 regresso aos seus lugares IND2 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 10 intervém # 1 (aproximação à obra) IND9 aproximam da obra CONV1 solicita por mais questões CONV1 lê questões que formam a Agenda da Discussão IND7 e IND8 inscrevem-se na discussão (dedo no ar)	Dinâmica comportamental: Comportamentos atentos Comportamentos agitados Movimento geral de aproximação à obra. INV corrige postura de IND1 Comportamentos atentos

3º Momento	DISCUSSÃO	DISCUSSÃO	IND8 inicia explanação aproximando-se da obra para indicar ao que se está a referir	Dinâmica comportamental: Comportamentos atentos
08:59	Assembleia			
09:58	Espelho cria a Assembleia		CONV1 instiga remetendo elementos apresentados pelo IND8 para a Discussão	
10:34		# 2 (aproximação à obra)	IND10 aproxima-se da obra IND 9 intervém para responder à solicitação do CONV1	
10:47		# 3 (aproximação à obra)	IND8 aproxima-se da obra e testa posições de observação IND10 senta-se	
11:00			CONV1 instiga IND 10 intervém para responder à solicitação do CONV1	Dinâmica comportamental: CONV1 instiga a discussão Comportamentos atentos
11:24				
12:00	Representação Tinta (sofrimento)		CONV1 instiga IND 1 intervém para responder à solicitação do CONV1 IND 9 intervém IND 6 inscreve-se na Discussão (dedo no ar)	(IND 2 acena para a câmara e sorri para IND 10 que se encontra ao seu lado) IND 11 alheada
12:58			IND 1 aproxima-se da obra	
13:10	Ideias da Assembleia	# 4 (aproximação à obra)	IND 8 aproxima-se e senta-se com o dedo no ar (inscreve-se na discussão)	Olhares seguem atentos a descrição do IND9
	Personagens		IND 6 intervém	Olhares seguem atentos a descrição do IND6
13:56	(conceito de Assembleia)		IND 9 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	
14:52		# 5 (aproximação à obra)	IND8 pede para voltar a ver a obra CONV1 intervém para ponto da situação	Dinâmica comportamental: IND1 deita-se e espreita para a obra. INV repreende-o e pede que se endireite
15:26	Observação focada	# 6 (aproximação à obra)	IND1 inscreve-se e intervém CONV1 intervém e organiza pontos de vista apresentados IND10 e IND7 aproximam-se da obra	IND1 participativo mas agitado
16:15			IND6 aproximasse da obra	
			IND8 e permanece junto ao grupo em pé a observar a obra seguindo a descrição do CONV1	
16:41			IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	

15:59		# 7 (aproximação à obra) # 8 (aproximação à obra)	IND8 aproxima-se da obra IND5 aproxima-se da obra	
16:45	Observação focada		IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	Dinâmica comportamental: IND 11 afastada do grupo (alheamento aparente) INV intervém para controlo de comportamentos
18:00		# 9 (aproximação à obra)	INV pede para que se espere que outros participantes regressem aos lugares. Movimento e ausência distrai dos conteúdos que estão em discussão. IND11 aproxima-se da obra CONV1 acompanha intervenção da INV apresenta ponto de vista apresentado pelo IND 1, instiga ponto de vista dirigindo-se directamente ao IND 10	Movimentos de regresso aos lugares CONV1 instiga a discussão Comportamentos atentos
			(conversas cruzadas)	
28:11	Disfarçar Ocultar Observador Pontos de vista (Enfeite) Acessório Simbolismo da obra		IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND2 inscreve-se (dedo no ar) CONV1 solicita argumentações mais assertivas IND8 inscreve-se (dedo no ar) INV e CONV1 participam na construção argumentativa do IND 8 IND8 passa MP4 ao IND2 IND2 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 6 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	Dinâmica comportamental: Comportamentos agitados IND8 passeia-se em pé mesmo no seu lugar na roda CONV1 instiga discussão (Moderação partilhada)
31:22	Vêem-nos!		CONV1 questiona IND 11 IND 11 responde (vários IND inscrevem-se na discussão)	
			(conversas cruzadas)	
31:46	Vigia tudo	# 10 (aproximação à obra) # 11 (aproximação à obra)	IND 6 solicita aproximação à obra. IND 7 acompanha-o CONV1 verifica quem se inscreveu para intervir IND 9 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 2 inscreve-se (dedo no ar)	Dinâmica comportamental: Comportamento agitado e registo de olhares atentos e entusiasmados Confirmam na obra amplitude das argumentações
32:26	Espelho Figura plana	# 12 (aproximação à obra)	INV intervém e pede às crianças-participantes que verifiquem a amplitude de visão da obra	Dinâmica comportamental: INV instiga para que se verifique amplitude dos pontos de vista

33:11	“Trocar de posto”		Verificação na obra (observação da amplitude do olhar sobre a obra)	Olhares atentos (executam com entusiasmo verificação solicitada) Lento regresso aos seus lugares Comportamentos agitados
34:34	Figura plana Vários pontos de visão Figura Plana Ideias da Assembleia	# 13 (aproximação à obra)	IND 1 comenta - narrativa hipotética IND 9 intervém juntamente com o IND 1 INV participa IND8 aproxima-se do seu lugar inscrito na discussão (dedo no ar)	(moderação partilhada)
36:14	Personagens (máscaras) Espelho		IND 5 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 9 aproxima-se da obra IND 7 inscreve-se na discussão (dedo no ar) INV e CONV1 pedem que se aproximem para tomar atenção ao que está em discussão IND 8 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	Comportamentos atentos IND 1 agitado
37:13	“Tudo vê a sentinela” (Ângulos de visão)		IND 6 inscreve-se na discussão (dedo no ar) – narrativa hipotética CONV 1 intervém (instigação) INV participa (vários comentários)	Dinâmica comportamental: Comportamentos agitados mas atentos IND 1 antecipa final da sessão IND 5 acompanha-o (comportamentos agitados)
39:35	“Os contrários” Intenção do autor		IND 8 inscreve-se na discussão (dedo no ar) – narrativa analítica IND 1 intervém IND 5 comenta (“tentativa e erro”) IND10 aponta para o chão INV intervém (complementa)	CONV 1 contém a agitação IND 10 (Perfil intuitivo-céptico) INV intervém e suscita comentários empáticos e algo divertidos
40:57	Títulos observados		CONV propõe reflexão sobre possíveis títulos Participação das crianças-participantes: IND 1, IND 6, IND 2, IND 8, IND 8, IND 7. IND6 refere que não foi discutido “o pano preto!”	Dinâmica comportamental: Comportamentos calmos, atentos e observadores CONV 1 regista os títulos e propõe teatros do Lipman para representarem na sala de aula
48:00			Final de registos para a sessão	Convívio generalizado, animado!
Obs. CONV1 refere a necessidade de se ler os últimos capítulos da novela PIMPA de Lipman na sala de aula e reflectir sobre as mesmas com o objectivo de vir a preparar pequenas peças de teatro. (Proposta que não se concretizou)				

Quadro 1 - Análise etnográfica do registo de vídeo
(Descrição)

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

A RAPI (Crianças-participantes e Adultos), tal como foi referenciado no R1A, apoia a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às categorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 12) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitirá avaliar a evolução das suas participações. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

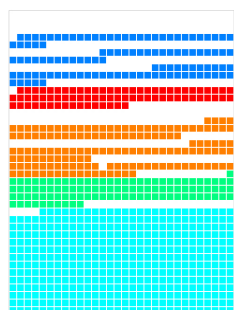


Gráfico 1 – IND 1 (Masculino)

O IND1 participou na formulação da **Agenda da Discussão**. No que diz respeito à sua prestação para a **Discussão** participou interesse e entusiasmo em todas as questões anunciadas nesta discussão, as quais registam o seu contributo mais consistente na construção das ideias que constituíram o conceito de **Pontos de vista** e contribuiu para a constituição da subcategoria **Títulos observados**. As suas intervenções revelam uma natureza maioritariamente intuitiva e fortemente enraizadas em narrativas hipotéticas que criam pressupostos ou analogias plausíveis que transfere para a sua interpretação da obra. A participação do IND 1 é atenta, o seu tom de voz é cordial e entusiasta com registos prestativos e empáticos, sendo que, nesta sessão registaram-se ainda alguns episódios de comportamentos agitados e de comportamento físico, por vezes, demasiado relaxado.

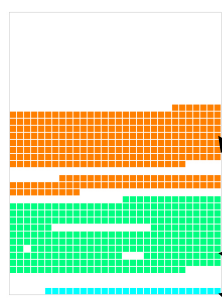


Gráfico 2 – IND 2 (Masculino)

O IND 2 alterou o francamente o seu registo comportamental uma vez que, não só participou na **Agenda da Discussão** como também se verificou que, nesta sessão, passou do registo inicial de comportamento pacato e por vezes alheado para outro mais extrovertido e atento aos conteúdos em discussão. Assim, as suas intervenções focaram-se em conteúdos que serviram a estruturação dos conceitos de **Simbolismo da obra** e a função de **Sentinela Plana**, por último, contribuiu para a constituição da subcategoria **Títulos observados**.

(O IND4 faltou a esta Sessão)



Gráfico 3 – IND 4 (Masculino)

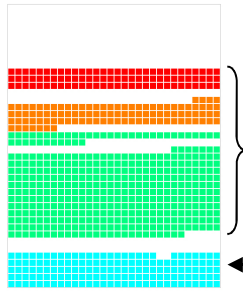


Gráfico 4 – IND 5 (Masculino)

O IND5 participou na formulação da **Agenda da Discussão**. O seu comportamento mantém-se agitado, inquieto e, por vezes, desatento, porém, nesta sessão revelou-se animado e participativo na estruturação das questões que se focaram na **Descrição da obra**, na estruturação dos conceitos de **Simbolismo da obra** e na função atribuída à **Sentinela Plana**, e ainda, contribuiu para a constituição da subcategoria **Títulos observados**.

O IND 5 mantém o perfil de uma intervenção que procura intervir em sobreposição ao que está a ser discutido, porém, nesta sessão observaram-se intervenções que se imponham pela sua autenticidade discursiva e que acompanhavam com alguma pertinência os conteúdos em discussão.

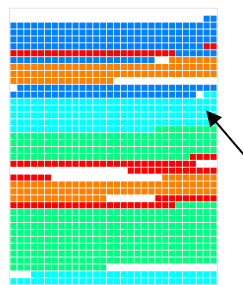


Gráfico 5 – IND 6 (Masculino)

O IND6 participou na constituição da **Agenda da Discussão**. O IND6 manteve o seu habitual entusiasmo na participação dos temas visados durante toda a discussão, pelo que registam-se intervenções de relevância para todas as subcategorias anunciadas nesta discussão.

Regista-se que no início da discussão, aquando da formação da significação atribuída a **Assembleia de Euclides**, o IND 6 introduziu o subconceito “**Tudo vê a sentinela**”, ou seja, proporcionou desde o início da **Discussão** uma conclusão hipotética.

A *narrativa* apresentada pelo IND6 foi consideravelmente consistente e revelou uma tipologia argumentativa com qualidades céptico-analítica (que se observa no seu contínuo retorno à relação obra/título).

O seu ponto-de-vista mantém-se fortemente sustentado por um discurso assertivo sedimentado numa postura consistente. É de referir os seus movimentos de encontro com a obra que o apoiaram na sustentação das suas intervenções.

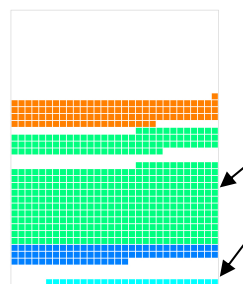


Gráfico 6 – IND 7 (Feminino)

A IND7 não participou na constituição da **Agenda da Discussão** e a sua participação oscilou por contraste entre os vários momentos da discussão, sendo que a sua contribuição mais coerente focou-se nas questões de função atribuída à **Sentinela Plana**.

A IND7 contribuiu para a constituição da subcategoria **Títulos observados**.

O seu comportamento revelou-se atento, respeitador das regras da discussão, porém, pouco entusiástico. A *narrativa* apresentada pelo IND7 mantém o seu potencial analítico, porém, nesta sessão com a visível ausência do fulgor das primeiras sessões.

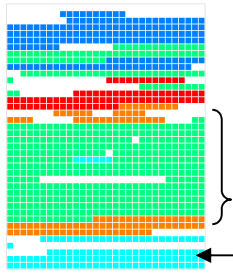


Gráfico 7 – IND 8 (Masculino)

O IND8 participou na constituição da **Agenda da Discussão**. O seu comportamento revelou-se atento, observador e muito activo, sendo que se evidenciou nas suas várias aproximações à obra. O IND8 mantém o seu perfil de elemento respeitador das regras da discussão; muito participativo e sensível ao gesto de referência à obra. Apesar de fortes registos de intervenção que sustentaram as funções atribuídas à **Sentinelas Plana**, o IND8 introduziu o subconceito “**Os contrários**” que auxilia à estruturação do conceito **Pontos de vista**. A *narrativa* apresentada mantém-se fortemente coerente e de tipologia analítica. A sua visão alargada dos conteúdos foram nesta sessão ponderados pela observação e experimentação directa da obra, o que permitiu desdobrar eficazmente os conceitos abordados.

O IND8 foi o elemento mais participativo desta sessão, pelo que, as suas intervenções mantiveram a cadência de ideias que sustentaram os conteúdos da discussão.

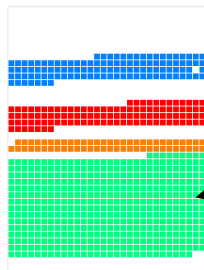


Gráfico 8 – IND 9 (Masculino)

O IND9 não participou na constituição da **Agenda da Discussão**. Registou-se algum interesse inicial para a formação da significação atribuída a **Assembleia de Euclides**, **Descrição da obra**, e **Simbolismo da obra**, porém, foram as questões que se focaram na função atribuída à **Sentinelas Plana**.

O IND9 mantém o registo de comportamento pacato, atento à circulação dos conteúdos que sustentaram a discussão.

As suas intervenções foram eloquentes e a sua natureza narrativa intuitiva sustentou-se na observação e experimentação da obra.

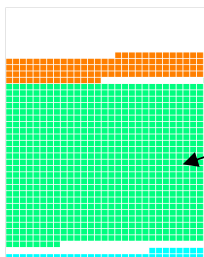


Gráfico 9 – IND 10 (Masculino)

O IND10 participou para a constituição da **Agenda da Discussão**. Nesta Sessão o IND10 revelou-se muito entusiasta na participação e estruturação da subcategoria **Simbolismo da obra**. O IND 10 contribuiu para a constituição da subcategoria **Títulos observados**.

A sua participação na constituição da subcategoria **Simbolismo da obra** acompanha os interesses observados pelas várias intervenções pelo que procurou assegurar a postura de “voz própria” Em geral o seu comportamento revelou-se atento e respeitador das regras da **Discussão**. A tipologia narrativa de argumentação manteve o ser perfil de associativo-analítica.

É de referir que o IND 10 acompanhou os movimentos de retorno à obra, tendo mesmo solicitado, por si mesmo, essa deslocação.

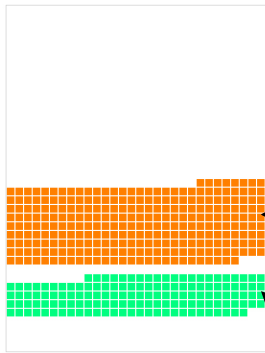


Gráfico 10 – IND 11 (Feminino)

IND 11 participou na constituição da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento habitual de algum constrangimento e dificuldade em entrar em sintonia com o resto do grupo, alterou-se visivelmente quando os facilitadores solicitaram a sua intervenção. Assim, verificaram-se algumas intervenções pouco eloquentes aquando da constituição da subcategoria **Simbolismo da obra** que contrastaram com as observações singelas mas pertinentes intervenções que proporcionaram a necessária abertura às questões associadas à função atribuída à **Sentinela Plana**.

Nota: Manter em observação possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

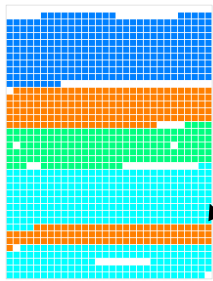


Gráfico 11 – CONV1 (Masculino)

Nesta Sessão a intervenção do CONV1 iniciou-se com uma intervenção que assegurasse o entendimento do conteúdo significativo do título que nomeava a obra, bem como uma atenta moderação dos conteúdos apresentados que frequentemente devolvia à discussão de modo a que as crianças-participantes observassem uma maior assertividade nas suas intervenções. Este fenómeno observa-se nos conteúdos que estruturaram a significação da **Assembleia de Euclides** associada à forma (obra), no estabelecimento da relação simbólica observada no conceito de **Máscaras** e que se transpõe para a funcionalidade simbólica da **Sentinela plana**, porém, foi na análise dos possíveis **Pontos de vista** que a sua moderação se focou, com alguma perseverança, na explanação das argumentações apresentadas, o que garantiu um entendimento focado dos conteúdos expostos.

O CONV1 participou na moderação em conjunto da Sessão com a INV. Esta partilha da moderação da **Discussão** ocorreu naturalmente e assegurou os benefícios registados nos Relatórios anteriores. Registaram-se ainda alguns momentos de necessidade de intervenção comportamental que foram assegurados em parceria com a INV.

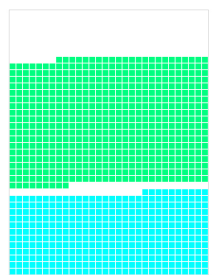


Gráfico 12 – INV (Feminino)

A INV deu início à Sessão lembrando os procedimentos, idênticos aos das sessões anteriores e foi responsável pela recolha de dados de registo de vídeo. Durante a moderação partilhada com o CONV1 a INV desempenhou uma abordagem menos activa no início da **Discussão** e mais activa no final da mesma. Nesta Sessão a intervenção da INV foi mais incisiva nas questões que estruturaram a funcionalidade simbólica da **Sentinela plana**, e estabeleceram os possíveis **Pontos de vista**.

A participação da INV foi incisiva e atenta às intervenções e abordou com firmeza as questões comportamentais sensíveis, como a participação da IND 11.

CONCLUSÕES FINAIS

A RRTD da Sessão 12 A permitiu localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:



Gráfico 13 - RRTD12A

Legenda:

Subcategorias da Discussão	
■	Agenda da Discussão
■	Assembleia de Euclides
■	Descrição da obra
■	Simbolismo da obra
■	Sentinela Plana
■	Ponto de vista
■	(Registos comportamentais)

Questões derivadas da ARDG

1. Será que o espelho cria a Assembleia?
2. Que relação se estabelece entre a obra e o seu título?
3. Que relação se estabelece entre a obra e as figuras?
4. Quem vê o quê?
5. Como se estabelecem os diferentes pontos de vista?

Interpretação

A categoria **Agenda da Discussão** (Quadro 2) formou-se a partir de 10 questões que destacaram o carácter de uma interpretação que se reflecte directamente nas relações simbólicas que se estabelece entre os elementos que constituem a obra e destas com o sentido da obra, isto é, através da nomeação dos elementos que compõem a própria obra e a denúncia imediata do seu valor simbólico, ou da afinidade simbólica entre elementos, expressa-se a natureza determinante para a necessária (e desejada) interpretação da obra.

Agenda da Discussão	
1. O que é que o espelho tem a ver com o resto?	IND 8 (Masculino)
2. O que simbolizam as personagens ali do lado?	IND 10 (Masculino)
3. Por que é que a casa é construída com materiais assim?	IND 6 (Masculino)
4. Por que está aquele vidro com um homem à frente do espelho?	IND 11 (Feminino)
5. Qual é que é a ligação desta casa com aquele homem reflectido no espelho?	IND 1 (Masculino)
6. É suposto a casa se prolongar no espelho?	IND 1 (Masculino)
7. Porque é que está um pano em cima da cabana?	IND 2 (Masculino)
8. Porque é que naquelas figuras há uma cara que está zangada e outra que está contente?	IND 5 (Masculino)
9. Naquelas duas caras, porque é que uma tem orelhas a e outra não?	IND 2 (Masculino)
10. Por que é que parece que as caras têm outra cara dentro?	IND 10 (Masculino)

Quadro 2 – Agenda da Discussão (Questões)

Assim, neste contexto, a estruturação da teoria revelada em análise subdividiu-se do seguinte modo: a 2ª Questão constituiu a subcategoria **Personagens** que, por sua vez, constituiu-se ainda da sua interpretação **Simbólica**, da descrição das suas expressões das máscaras enquanto **Cara zangada & Cara contente** (8ª Questão), pela diferente modelação das **Orelhas** (9ª Questão) e pela sugestão da presença de uma **Cara dentro da cara** (5ª Questão); a 1ª Questão constituiu a subcategoria **Casa** que se descreve através dos elementos que constituem a obra como o **Espelho** e o modo como este se **Enquadra**, observa a relação que estabelece em frente ao **Homem do vidro** (4ª Questão), ou enquanto efeito visual na medida em que parece que **Prolonga a casa** (6ª Questão); os **Materiais** com que a casa foi construída (3ª Questão) e ainda, a função concedida ao **Pano** que a cobre (7ª Questão).

Como já havia sido referido (ver pág. 6), estes são os elementos que determinam a necessidade de correspondência inter-descritiva da obra com a sua função simbólica.

Contextualização

Nesta Sessão registaram-se quatro momentos circunscritos ao desenvolvimento da contextualização, ou seja, o momento próprio de disseminação das ideias, conceitos ou questões que emergiram após a constituição da **Agenda da Discussão** e que se deslocaram desta através da observação e desenvolvimento, em cada uma destas fases, de qualidades distintas.

O primeiro destes momentos estrutura-se através da subcategoria **Assembleia de Euclides** que ocorre da necessidade de observar a linguagem (ou elementos) reveladores da modelação da obra, ou seja, da sua forma e significação; o segundo momento, ou subcategoria **Descrição da obra**, é breve e constituiu-se da necessidade de observar na obra o significado do seu título através do elemento mais pertinente à sua constituição - o *homem pintado no vidro*; o terceiro momento é sustentado pela subcategoria **Simbolismo da obra** que sobrevém da observação e experimentação críticas da obra e das relações que se estabelecem entre os elementos que constituem a obra, com o objectivo último, de vir a aceder ao seu sentido simbólico; por último, o quarto momento, observado através da constituição da subcategoria **Sentinela Plana**, delibera sobre as funções inerentes a cada um dos elementos constituintes da obra para que estes denunciem o significado oculto da obra, e que no entender das crianças-participantes, é obviamente remetido ao título.

Assim, nesta 12ª Sessão, o momento de contextualização observa uma dilatação da *descrição da obra* estruturada segundo qualidades articuladas que podem ser consideradas como constituintes de um fenómeno revelador da *experiência estética* (Quadro 3).

“Experiência Estética”		
1ª Fase Absoluta (obra)	2ª Fase Particular (Elementos constituintes da obra)	Conclusão Sujeito (Fruidor empático)
Forma vs Significação	Forma singular vs Simbolismo	Observador vs Forma
Título vs Significação	Forma singular vs Função	
Descrição	Narrativas hipotéticas	Discurso abstracto

Quadro 3 – Fases de desenvolvimento da *experiência estética*

Segundo a teoria revelada pelo fenómeno observado podemos reconstruir especificações da experiência estética:

1ª Fase, denomina-se Absoluta por referenciar uma observação integral da obra, ou seja, a obra mesmo que constituída de diferentes elementos é absorvida na sua totalidade e os elementos, mesmo que nomeados, não se destacam desta pois comungam da sua natureza essencial. Assim, procura-se descrever a Forma da obra (ou linguagem plástica) e recolher desta a sua própria Significação ou sentido da obra. Trata-se de um momento de se caracteriza por alguma insatisfação, onde são sugeridas diferentes e incipientes hipóteses de interpretação da obra que caracterizam um primeiro discurso descritivo. Por sua vez, este discurso descritivo caracteriza-se por anunciar reflexões provenientes das primeiras percepções sensitivas. Surge, de igual modo, o recurso possível ao Título, enquanto representação verbal total (que nomeia a obra), de modo a que a sua verbalidade plástica denuncie a Significação total dessa nomeação.

2ª Fase, denomina-se Particular por referenciar uma observação parcelar dos elementos constituintes da obra, ou seja, a qualquer elemento considerado, ou Forma singular, é atribuída uma qualidade simbólica que caracteriza o sentido da sua presença no sistema interno da obra. Este momento caracteriza-se pela apresentação de várias possibilidades hipotéticas testadas por narrativas originais e frequentemente, alicerçadas na experiência comum.

Mais, nesta fase surge ainda a possibilidade de considerar cada Forma singular como particularizável, e como tal, assiste-lhe uma Função própria que auxilia a relação inter-elementos, tal como sistemas internos, particulares e associados que executam determinadas funções fundamentais à possibilidade de obra.

Por último, a Conclusão que determina o remate de todas as narrativas possíveis numa única intrinsecamente associada a cada fruidor. A Conclusão revela a relação que o Observador particularizado estabelece com a obra enquanto Forma total.

Discurso abstracto

O potencial abstracto dos discursos emergentes surge, nesta sessão, no início da **Discussão** através da subcategoria **Pontos de vista** inaugurada pelo CONV1 quando procede à exposição das argumentações apresentadas pelas crianças-participantes de modo a garantir um entendimento focado dos conteúdos expostos: “E qual será a importância daquilo de que falava o IND10, que de repente nós só temos acesso a isto de determinados pontos de vista? O IND8 também falou nisto: “no ponto em que eu aqui estou consigo ver...”. Se for ali, o IND5 também falou nisto: “do lado do boneco nós não vemos as figuras do lado das figuras, do lado das figuras nós não vemos o boneco mas deste lado onde nos encontramos conseguimos ver as coisas de outra maneira”. O que é que isto poderá querer dizer, no conjunto da peça?”. Posteriormente, próximo do final da **Discussão**, surge de novo como que um necessário remate conclusivo e focado na alternância dos pontos de vista referenciados pelas crianças-participantes, ou seja, se num primeiro momento, a necessidade de isolar a ambivalência dos pontos de vista foca-se na constituição do sentido da obra, posteriormente, este entendimento, assegurado pela conclusão de um processo integrador de sentidos.

Assim, tal como considerado anteriormente (Quadro 3), o Observador, na sua qualidade de fruidor empático pode agora colocar-se no lugar da Forma singular e estabelecer a sua própria simbologia e função na obra:

- O IND 1 refere alternância dos observadores e constitui a subcategoria **“Trocar de posto”** Ex: “Eu acho que o espelho é, imagino, que quando alguém se quer ver ao espelho não se pode ver, não tem olhos, e então, eu acho que é quem está a ver. Se não estiver aqui ninguém, os únicos que estão a ver são aquelas máscaras ou é a figura representada neste vidro. Quando está aqui alguém, somos nós. É tipo, trocar de posto!”, ou seja, o Discurso abstracto do fruidor empático reescreve descrições anteriores, agora sedimentadas, e emerge por si mesmo;

- O IND 8 refere os elementos que formam entre si pares opostos e estabelece-se a subcategoria **“Os contrários”** Ex:” (...) Então é como se fosse o contrário: o espelho reflecte mas o vidro basicamente não reflecte e ainda para mais está pintado, então é como se fossem basicamente o contrário um do outro... Um é um espelho o outro é um vidro e como o vidro, ainda para mais, está pintado, ainda reflecte menos. Por isso, acho que pode ser também os contrários.”, ou seja, os conteúdos abordados pelo Observador podem referir, ou não, as suas origens, e que neste exemplo será ocultar a menção simbólica anterior das ideias da Assembleia;

- O IND 6 refere como o conceito de sentinela nomeado no título pode ser um conceito invertido ao ser apresentado como um pressuposto lógico que sustenta que apesar de todos os elementos se poderem observar nenhum consegue observar a si mesmo, pelo que, de facto, a sentinela não se observa a si mesma mas **“Tudo vê a sentinela”** Ex: “(...) eu acho que se calhar a coisa da sentinela é uma coisa invertida. Em vez de ser a sentinela que vê tudo, tudo vê a sentinela, porque o espelho, nós podemos estar aqui, vemos tudo mas não nos vemos a nós, a máscara está ali, vê algumas coisas mas não se vêem a elas, na verdade todos os pontos se vêem no espelho. Se calhar “a sentinela” em vez de ser a sentinela que vê tudo

é o tudo que vê a sentinela.” IND 6 (Masculino), ou seja, estabelecida a significação **Sentinela** como aquela que vê tudo, caracterizada a sua função interna de vigilância na obra, estabelecido o seu carácter simbólico que observa o sentido invertido da sua significação na obra, potencializa-se esse outro sentido permeável a todos os preconceitos estabelecidos e instaura-se uma nova Forma – o discurso;

- O próprio CONV1, entrega-se a este processo, ao observar como a qualidade dos conteúdos sugere uma correspondência individualizada das crianças-participantes com a obra e estrutura-se, com as mesmas, a subcategoria **Títulos observados**
Ex: “Então, se cada um de vocês tivesse de dar um título diferente a esta instalação sem referir nem Sentinela Plana nem Assembleia de Euclides, que nome dariam a uma instalação como esta?”. O episódio apresentado assinala como as referências discursivas podem afastar-se tanto da sua convivência anterior que facultam, ao próprio Observador, o potencial criativo de outros discursos, derivados das ideias abordadas e dos conceitos constituídos, de aparência singular, própria de uma matéria informe que referenciada ganha a sua Forma.

No que diz respeito a questões comportamentais, registaram-se alguns momentos de atenção e outros de alguma convulsão ou entusiasmo, porém, sempre em relativo respeito pelas regras de comportamento. As intervenções constituem conteúdos pertinentes para a construção de teoria. Manter em observação se alguns registos de alheamento ou distrações temporárias não serão já vestígios de um certo “à vontade” ou domínio dos procedimentos, mesmo dos discursivos.

É ainda de referir que, nesta 12ª Sessão A, registaram-se bastantes ocorrências de aproximação à obra.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O Relatório da 12ª Sessão A debruçou-se sobre o possível discurso e discussão em torno de uma única obra do artista plástico Francisco Tropa, *Assembleia de Euclides*, em exposição colectiva intitulada XXI, no CCMB em 12 de Maio de 2011.

A Sessão foi realizada num contexto público (CCMB), procedendo ao percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação. Assim, a Sessão realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Lipman para Filosofia com crianças-participantes e promoveu a experiência fundamental para um melhor entendimento de um discurso, que se prevê manifestamente estético.

ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: 12ª Sessão A: Francisco Tropa, *Assembleia de Euclides*

Exposição: *Livre Circulação*

Data: 12 de Maio de 2011

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 15:30h (Sessão de Filosofia)

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos manteve-se a abordagem dedutiva dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	Enquadramento temático	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização da obra seleccionada.
	Referências anteriores	Sessão de Filosofia (sem necessidade de visita prévia pois já havia ocorrido anteriormente aquando da 11ª Sessão)
Leitura da obra	Características formais	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças (à excepção da integração da obra de Arte)
	Interpretação da obra	Verificou-se adaptação imediata dos seus discursos e comportamentos em relação à obra em discussão (registos de frequentes ocorrências de movimento em direcção à obra). A intervenção dos facilitadores foi consistente e em parceria durante toda a sessão.
Espaço museológico	Localização	CCMB (Lisboa), ao qual acedemos através da utilização de transportes públicos.
	Leitura/percepção	Foi considerado: que as crianças-participantes percorressem livremente a exposição. A preparação da sessão incluiu visita prévia efectuada pela INV para observação e análise prévia da obra seleccionada.
	Integração na exposição	A obra, composta por duas composições distintas, encontrava-se numa única sala tendo essa mesma sala sido percebida e experimentada como um todo.
Obs:		

Quadro 4 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço
(Descrição)

AVALIAÇÃO DA SESSÃO

Sessão: 12ª Sessão A: Francisco Tropa, *Assembleia de Euclides*

Exposição: *Livre Circulação*

Data: 12 de Maio de 2011

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 15:30h (Sessão de Filosofia)

Participantes: IND 1; IND 2; IND 3; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; CONV1;INV.

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação de todos sem necessidade de instigação dos facilitadores; participação activa dos 2 elementos mais inseguros do grupo (IND2 e IND11); participação activa e atenta aos conteúdos em discussão promoveram o contínuo enraizamento de conceitos e temáticas e a respectiva evolução dos mesmos
	Grupo	Intervenções iniciam-se rapidamente com forte descrição dos elementos constituintes da obra; forte abertura para discursos com estruturação narrativa de hipotético que insurgiam durante toda a Discussão .
	Professor	Intervenção atenta e focada na explanação de intervenções. Instigadora de argumentações mais assertivas. Atento e escrupuloso na manutenção da parceria.
	Investigadora	As suas intervenções integraram-se em parceria com as intervenções do CONV1. Participação pouco activa no início da sessão mas posteriormente, muito impulsionadora da participação de todos os indivíduos
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo. Registo de alguns comportamentos agitados. Muitos movimentos em direcção: dirigem-se à obra, confirmam, verificam, observam na própria obra o que cada colega regista e argumenta.
	Grupo	Registos de comportamentos agitados e de profunda atenção; cumprimento das regras da discussão; empatia e atenção às necessidades dos parceiros.
	Professor	Partilhou a moderação com a investigadora, registo escrito da Agenda da Discussão .
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
<p>Obs. As crianças-participantes foram assertivas com apresentação de perspectivas argumentativas de grande interesse. Acompanharam-se mutuamente, complementaram-se, abriram pontos de vista ora abrangentes ora mais focados.</p>		

Quadro 5 – Avaliação da entrada no campo
(Descrição)

DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	1 minuto e 44 segundos (aproximadamente)		
	Comport. Físico	No 1º momento com registos de forte experimentação da obra.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia, complementaridade e continuidade discursiva; alguns registos de conversas cruzadas.		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou-se estimulante à percepção visual e vivencial (aumento de registos de aproximação à obra durante a sessão).	
		Temáticas	Constituição de um leque de interesses focados e articulados pela descrição da obra que evoluíram numa dinâmica interna faseada: nomeação, significação, simbólica e função, que alicerçaram a relação posterior do observador com a própria obra.	
Discussão		Registo de 3 momentos: Leitura das obras; constituição da Agenda da discussão; Discussão.		
Investigação		As intervenções possibilitaram patentear diferentes fases derivadas da evolução discursivo.		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 7 questões que apresentaram as possíveis relações de natureza preceptiva; narrativas de contextualização; conclusões conceptuais que objetivaram alteração teórica de fundo.	
		Discussão	As 10 questões da Agenda da Discussão formaram o carácter inicial da Discussão que facilmente se deslocou para uma argumentação conceptual. Intervenções ricas em elementos de sustentabilização das várias análises de conteúdo. Participação de todos os elementos, com reduzida necessidade de moderação.	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Alguns elementos com registo de alheamento aparente e efectivo.	
		Indivíduos	Todas as crianças-participantes participaram na Sessão.	
		Professor	Moderação empática e em parceria com a INV.	
		Investigadora	Intervenções mais circunscritas mas em parceria integrada com o CONV1	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Não se verificaram	
		Comportamentos físicos	Aproximação à obra muito frequente.	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo necessidades conceptuais; validaram áreas temáticas.	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Não se verificaram	
		Jocosas	Não se verificaram	

Quadro 6 – Avaliação da Discussão
(Descrição)

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação. Verificou-se
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo.
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se que o CONV1 aclarou com alguma frequência os conteúdos em discussão, servido-se dos mesmos para instigar argumentações assertivas, através de uma questão pertinente.
	Orientação da dinâmica	Redução efectiva da necessidade de gestão das inscrições na discussão.
Preparação da sessão	Adequação da obra	As crianças-participantes revelaram-se entusiastas de obras “habitáveis”; os materiais são naturais e constroem ângulos de observação pertinentes.
	Adequação ao grupo	Verificou-se uma aceitação motivada na integração dos pressupostos da sessão e da obra seleccionada, bem como o retorno à obra para observar e verificar conceitos abordados ou para testar possíveis teorias a desenvolver.
	Adequação à discussão	Adequada e incitadora da discussão e de comportamentos estreitados com a observação directa da obra
	Benefícios	Relação espontânea e empática ao espaço e à obra em referência; integração conceptual da teoria construída; comportamentos associados à relação directa com a obra estruturados.
	Dificuldades encontradas	Nenhuma.
<p>Obs.</p> <p>Observar alteração de comportamentos das crianças-participantes IND2 e IND11, uma vez que se afastaram dos seus procedimentos habituais e participaram na Discussão.</p>		

Quadro 7 – Avaliação da observação participante
(Descrição)

AVALIAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS ENRAIZADAS²

1	Os critérios foram concebidos?	Critérios observados em análise conduziram à conceptualização interna dos conteúdos em da Discussão (ver Conclusão)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias que apresentam densidade conceptual e estrutura sensível, alargada ou complexa.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se uma delineação mais concentrada da teoria (redução de categorias). Inclusão de categorização por valorização e por estruturação. Associação da percepção à conceptualização generalizada de cariz abstracto onde foram fundamentados os pressupostos da Discussão pelas próprias crianças-participantes.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se, o fenómeno é amplamente confirmado e contextualizado na sua explicação.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no seu conteúdo teórico.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? “o ponto de vista do sujeito”; Descrição dos ambientes; Interesse na produção da ordem social; Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”?	Sim, na medida em que se verificou alterações na natureza interna dos conteúdos em discussão articulados pela descrição da obra que evoluiu segundo o perfil de uma dinâmica interna faseada: nomeação, significação, simbólica e função, que alicerçaram a relação posterior do observador com a própria obra. Maior assertividade argumentativa e relacional com a obra; Domínio e exploração físico-teórico do ambiente; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta, integrada e integradora, na organização interna da Discussão e nos fundamentos da própria discussão.

Quadro 8 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

² Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA³

1	Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?	O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 8 crianças-participantes (2 Femininos e 6 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculino)
2	Que categorias principais emergiram?	Agenda da discussão, Discussão (categorias de cariz descritivo, associativo e conceptual)
3	Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?	Dinâmicas comportamentais de grupo, dialécticas consolidadas na percepção e experimentação da obra, alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta
4	Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?	Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre. Revelaram a consolidação dos pressupostos em análise em sessões anteriores e a constatação da sua evolução para o domínio teórico-comportamental da experiência Estética.
5	Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?	Hipóteses centralizaram-se na continuidade conceptual apresentada nas intervenções, na dinâmica revelada pela própria discussão e na relação comportamental. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i> .
6	Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?	Não se verificaram. Não se verificaram Observação incisiva no fenómeno da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação sustentada e alargada na construção de discursos.
7	Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?	Pela escolha do objecto em referência e pela natureza da Discussão que a revelou (pontos de vista). A análise foi gradual e facilitada, e em consideração pela adaptabilidade do grupo. A análise final obriga à confrontação teórica dos vários relatórios formulados. O seu poder explicativo reflecte-se apenas no fenómeno em análise e registado neste relatório, pelo que o critério de “vasto” apenas se verificará em confronto teórico revelado por todos os relatórios. A relevância do fenómeno revela-se na consolidação da relação percepção/experimentação/teorização da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica e pela sua organização interna revelada pela própria Discussão .

Quadro 9 – Avaliação do processo de pesquisa

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)